

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

**LETRAS – TRADUÇÃO – ESPANHOL – NOTURNO**

**SARA LELIS DE OLIVEIRA**

***A TAREFA DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO DE MALINCHE DE LAURA  
ESQUIVEL:***

**A DESCONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DE UM MITO**

**BRASÍLIA**

**2º2014**

**SARA LELIS DE OLIVEIRA**

***A TAREFA DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO DE MALINCHE DE LAURA  
ESQUIVEL:***

**A DESCONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DE UM MITO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em Tradução –  
Espanhol do Departamento de Línguas  
Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras,  
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr. Ana Helena Rossi

**BRASÍLIA**

**2º2014**

# **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

**LETRAS – TRADUÇÃO – ESPANHOL – NOTURNO**

**SARA LELIS DE OLIVEIRA**

***A TAREFA DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO DE MALINCHE DE LAURA  
ESQUIVEL:***

**A DESCONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DE UM MITO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Helena Rossi

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Mara Lucia Mourão Silva

---

Prof. MSc. Luis Carlos Ramos Nogueira

Brasília, 25 de novembro de 2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Jesus Cristo,

A minha família,

Aos meus professores e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Jesus Cristo, ‘Aquele Que É’, ‘Aquele que Era’ e ‘Há de Vir’, o Alfa e o Ômega, o Todo-Poderoso, o Príncipe dos Reis da Terra, a Rosa de Sarom, o Lírio do Vale, a Resplandecente Estrela da Manhã, por me abençoar e guiar os meus passos desde a minha existência. Sem o Senhor, este trabalho não seria possível. Glorificado seja o Teu nome, amém!

Agradeço ao Pr. Leonel, que com inesgotável paciência e amor me auxilia na caminhada espiritual, me ensinando a dar valor ao que realmente importa nesta vida.

Aos meus pais, Esdras Mário de Oliveira e Maria de Lourdes Leal de Oliveira, pela educação, provimento, caráter, moral, discernimento, alegria, carinho, união e principalmente, amor. Cheguei até este dia graças a vocês dois, que se sacrificam por mim e pelo meu irmão para que possamos alcançar todos os nossos objetivos. Amo muito vocês!

A todos os meus professores da Graduação, com especial atenção à Professora Doutora Ana Helena Rossi, quem além de orientadora deste trabalho é uma inspiração profissional para mim, que com caráter, dedicação, seriedade, competência e respeito, foi parte significativa da minha formação para a profissão. Obrigada por todos os conselhos e palavras de incentivo!

Ao Mestre Rafael Antônio Rodrigues, pelo aprofundamento e orientação históricos.

Aos meus queridos amigos que fiz durante o curso: Roberto, Moara, Rossana, Elaine, Everton, Nathasha, Lilian, Jessica, Jusciana e Gih. Vocês são a lembrança que eu tenho dos momentos de alegria, descontração e leveza. Muito obrigada!

Muito obrigada a todos vocês!

## **EPÍGRAFE**

*“...porque a letra mata, mas o espírito vivifica.” (2 Coríntios 3:6)*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em apresentar uma discussão teórica e prática a partir da tradução dos capítulos um e dois de “*MALINCHE*” (2005), obra da escritora mexicana Laura Esquivel. Pretendeu-se neste trabalho discorrer sobre o contexto histórico que envolve a cultura de origem de um romance literário, bem como L. Esquivel constrói a personagem *Malinche* fora dos cânones da historiografia oficial, e principalmente cotejar a *tarefa do tradutor* na tradução do romance com o ofício de intérprete da personagem principal. Neste sentido, objetivou-se desconstruir o imaginário do mito de *Malinche* engendrado pela historiografia oficial do México durante a formação da identidade do país, através de estratégias de tradução que corroborassem a formação de um novo olhar em direção à figura da personagem por meio da tradução da obra literária, e tratar sobre o valor da palavra na atividade tradutória e as relações de poder que exerce uma tradução.

**Palavras-chave:** Laura Esquivel, Walter Benjamin, *Malinche*, imaginário, estratégias de tradução, *tarefa do tradutor*.

## RESUMEN

Este Trabajo final de curso de Traducción consiste en presentar una discusión teórica y práctica a partir de la traducción de los capítulos uno y dos de “*MALINCHE*” (2005), obra de la escritora mexicana Laura Esquivel. Se pretendió en este trabajo discutir sobre el contexto histórico que involucra a la cultura de origen de una novela literaria, así como L. Esquivel construye el personaje *Malinche* fuera de los cánones de la historiografía oficial mexicana, y sobre todo cotejar la *tarea del traductor*<sup>1</sup> en la traducción de la novela con el oficio de intérprete del personaje principal. De esa manera, se objetivó deconstruir el imaginario del mito de *Malinche* engendrado por la historiografía oficial de México durante la formación de la identidad del país, a través de estrategias de traducción que corroboraran la formación de una nueva mirada hacia la figura del personaje por intermedio de la traducción de la obra literaria, y tratar sobre el valor de la palabra en la actividad traductoria y las relaciones de poder que ejerce una traducción.

**Palabras clave:** Laura Esquivel, Walter Benjamin, *Malinche*, imaginario, estrategias de traducción, *tarea del traductor*

<sup>1</sup>Tradução de Hans Christian Hagedorn

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1. Justificativa da escolha da obra traduzida.....	12
<b>2. MALINALLI: A MALINCHE DE L. ESQUIVEL.....</b>	<b>13</b>
2.1 Biobibliografia de L. Esquivel.....	13
2.2 <i>Malinalli, Malintzin, Doña Marina, Malinche</i> : o discurso oficial do México.....	14
2.2.1 A história de <i>Malinche</i> , segundo a historiografia oficial mexicana.....	14
2.2.2 A criação do mito <i>Malinche</i> : o retrato da personagem do século XVII ao XX.....	17
2.2.2.1 O patriotismo <i>criollo</i> (séc. XVII e XVIII) e a figura de <i>Doña Marina</i> : o papel das crônicas do século XVI.....	17
2.2.2.2 O discurso nacionalista (séc. XIX) e <i>Doña Marina</i> : o papel dos “ <i>escritores de la mexicanidad</i> ” do séc. XX.....	18
2.2.2.3 “ <i>La chingada</i> ” e a construção da identidade mexicana, segundo O. Paz.....	21
2.2.3 A história de “ <i>MALINCHE</i> ” (2005), segundo L. Esquivel: um resgate ideológico.....	23
2.2.4 O Novo Romance histórico de L. Esquivel.....	25
<b>3. A “TAREFA DO TRADUTOR” DE W. BENJAMIN NA TRADUÇÃO DA OBRA.....</b>	<b>29</b>
3.1 O papel do paratexto na tradução de “ <i>MALINCHE</i> ”: comunicação sem poesia.....	30
3.2 O “modo de visar” e o “visado” de W. Benjamin.....	33
3.2.1 Os nomes próprios e/ou vocábulos em <i>náhuatl</i> .....	35
3.3 <i>Malinche</i> e a tradução: o valor da palavra.....	43
3.3.1 A história como elemento fundamental para o posicionamento do tradutor.....	45
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>49</b>



## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> OBRAS DE L. ESQUIVEL.....	13
<b>Quadro 2:</b> AS TRANSFORMAÇÕES DO NOME DA PERSONAGEM.....	16
<b>Quadro 3:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>HUIPIL</i> ” .....	32
<b>Quadro 4:</b> EXEMPLO PARA “ <i>MODO DE VISAR</i> ” E “ <i>VISADO</i> ” .....	34
<b>Quadro 5:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>VALLE DEL ANÁHUAC</i> ” .....	36
<b>Quadro 6:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>PAINALA</i> ” .....	36
<b>Quadro 7:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>TENOCHTITLAN</i> ” .....	37
<b>Quadro 8:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>TEMPLO MAYOR</i> ” .....	37
<b>Quadro 9:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>TLÁLOC</i> ” .....	38
<b>Quadro 10:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>CIHUACÓATL</i> ” .....	39
<b>Quadro 11:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>HUITZILOPOCHTLI</i> ” E “ <i>QUETZALCÓATL</i> ” ....	40
<b>Quadro 12:</b> A TRADUÇÃO DE “ <i>LA ESPAÑOLA</i> ” .....	41
<b>Quadro 13:</b> A TRADUÇÃO DOS VOCÁBULOS EM <i>NÁHUATL</i> .....	41

## REFERÊNCIAS AO NOME DA PERSONAGEM

**“MALINCHE”:** Referência à obra de Laura Esquivel.

***Malinche*:** Referência à personagem na historiografia oficial mexicana e nome pelo qual é conhecida.

***Malinalli*:** Referência à personagem na obra de Laura Esquivel.

## INTRODUÇÃO

A busca de mitos e símbolos para definir a identidade do México iniciou-se nas primeiras décadas no século XVII por meio dos intelectuais mexicanos. Este processo divide-se em duas grandes fases: o patriotismo *criollo* e o nacionalismo mexicano. O principal mito que destacaremos neste trabalho será o mito que envolve *Malinche*, escrava e intérprete de Hernán Cortés, conquistador espanhol, durante o processo de colonização de parte do território mesoamericano no século XVI. Neste sentido, pretendemos descrever como a historiografia oficial mexicana interpretou e configurou a figura de *Malinche* durante os séculos das duas grandes fases mencionadas (XVII a XXI), a fim de elucidar como se constrói esta personagem que foi incorporada à consciência mexicana com o paradigma de traidora.

A investigação dos aspectos históricos reais que envolvem a personagem principal da obra de Laura Esquivel (L. Esquivel), além de abarcar a historiografia oficial mexicana, também foi realizada a partir das fontes presentes na bibliografia do romance, com o intuito de perceber o caráter ideológico –desconhecido antes das pesquisas– da obra da escritora. A imersão na historiografia oficial mexicana possibilitou que o leitor-tradutor se situasse no contexto reivindicado pela obra “*MALINCHE*” (2005), e elaborasse um Projeto de Escritura da autora onde apresentamos seu olhar, isto é, um novo olhar em direção a uma personagem que não teve oportunidade de defender-se.

A discussão teórica deste trabalho resulta identificar, a partir da investigação histórica mexicana oficial, de que forma o tradutor posiciona-se diante do Projeto de Escritura de L. Esquivel. Para isso, relacionamos nosso Projeto de Tradução com os conceitos de “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin (W. Benjamin), a fim de explicar teoricamente nossas decisões tradutórias de acordo com o objetivo ideológico pretendido. Assim sendo, o seguinte Trabalho de Conclusão de Curso visa apresentar como está situada a personagem *Malinche* no patriotismo *criollo* e no nacionalismo mexicano, com especial atenção para o ensaio “*El laberinto de la soledad*” de Octavio Paz, em contraste com a *Malinche* retratada no romance de L. Esquivel. Esse contraste faz-se importante com base na tradução realizada dos capítulos um e dois da obra, onde o tradutor objetivou, por meio da tradução, desconstruir uma personagem edificada e *forjada* pela historiografia oficial mexicana. A tradução é o meio pelo qual observamos, por intermédio das diversas versões tradutórias, a desconstrução e a reconstrução da personagem *Malinche*. Portanto, nosso projeto de tradução aqui apresentado, resgata o

Projeto de Escritura da autora que coloca em questão a imagem construída pela historiografia oficial do México a respeito de *Malinche*. Resultou, portanto, necessário um árduo trabalho de pesquisa a fim de identificarmos de que maneira a própria L. Esquivel constrói a sua personagem fora dos cânones da historiografia oficial mexicana.

### 1. Justificativa da escolha da obra traduzida

O interesse pela obra de L. Esquivel deve-se, em primeiro lugar, a minha curiosidade em relação à cultura mexicana. Durante uma viagem realizada em setembro de 2012 ao México, fiquei encantada pelo país, sobre tudo pela história. Ao chegar ao Brasil, decidi me aprofundar na cultura mexicana, começando pela literatura. A escritora L. Esquivel foi uma das primeiras com quem tive contato, através do clássico “*Como agua para chocolate*”. Pouco tempo depois da leitura desse romance, tive a oportunidade de trabalhar com a autora na disciplina de Teoria da Tradução 2, ministrada pela Professora Ana Rossi, onde fiz uma reflexão sobre o Projeto de Escritura de L. Esquivel à luz da minha tradução do primeiro capítulo da obra. Após esse trabalho, comecei a ler outros livros da autora, entre eles: *Tan veloz como el deseo*, Ed. DEBOLSILLO, 2001; *Intimas Suculencias. Tratado Filosófico de Cocina*, Ed. Sudamerica, 1998; e *MALINCHE*, Ed. Suma de Letras, 2005. A obra que mais me aproximou ao interesse que sentia em relação à história do México foi “*MALINCHE*”, e me dei conta de que através desta personagem poderia amadurecer meu olhar sobre o processo histórico do país.

Com este trabalho, pretendo ampliar meus conhecimentos sobre a cultura mexicana a partir da personagem “*Malinche*” apresentada por L. Esquivel, e identificar os motivos que levam a autora a tratar literariamente uma personagem feminina tão controversa e considerada traidora pelo discurso da historiografia oficial mexicana.

## 2. MALINALLI: A MALINCHE DE L. ESQUIVEL

### 2.1 Biobibliografia de L. Esquivel

L. Esquivel nasceu em 30 de setembro de 1950 na Cidade do México. Trabalhou como educadora infantil e em razão da escassez de materiais didáticos devido à época, deu início a sua carreira como escritora escrevendo peças de teatro infantis. Estudou teatro e criação dramática e se especializou em teatro infantil, sendo co-fundadora da Oficina de Teatro e Literatura Infantil, inscrita na Secretaria de Educação Pública. Entre 1979 e 1980 escreveu programas infantis para a televisão, e em 1983 fundou o *Centro de Invención Permanente*, onde oferecia oficinas artísticas para crianças.

Ainda em 1983, L. Esquivel iniciou a criação de roteiros cinematográficos, o que fez com que em 1985 fosse nomeada para o prêmio Ariel da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas como roteirista do filme *Guido Guán y los tacos de oro. Como agua para chocolate* (1989), seu primeiro romance, surgiu da falta de fundos necessários para a criação de seu segundo roteiro. O sucesso da obra resultou em sua consagração como escritora e teve o romance adaptado para o cinema em 1993.

### QUADRO 1: OBRAS DE L. ESQUIVEL

OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
<i>Como agua para chocolate</i>	1989
<i>La ley del amor</i>	1995
<i>Intimas Suculencias. Tratado Filosófico de Cocina</i>	1998
<i>Estrellita Marinera</i>	1999
<i>El libro de las emociones</i>	2000
<i>Tan veloz como el deseo</i>	2001
<b><i>Malinche</i></b>	<b>2005</b>
<i>Escribiendo la nueva historia</i>	2013
<i>A Lupita le gustaba planchar</i>	2014

Fontes dos dados: *Biografías y vidas*; *Coordinación Nacional de Literatura de México*

## 2.2 *Malinalli, Malintzin, Doña Marina, Malinche*: o discurso oficial do México

### 2.2.1 A história de *Malinche*, segundo a historiografia oficial mexicana do séc. XIX

Após a Conquista espanhola do século XVI, devido à importância do papel de *Malinche*, desenvolveram-se entre historiadores hispanistas e indigenistas inúmeras teorias sobre sua existência e vida. Com o desenvolvimento dessas teorias, estimulou-se a criação de várias lendas em torno da personagem, que objetivavam conformar sua verdadeira biografia. No entanto, a versão sobre o nascimento, a morte e o percurso da vida de *Malinche* que prevalece é o retratado pela historiografia oficial mexicana, que deriva, em suma, da interpretação do Estado mexicano do século XIX das crônicas do soldado espanhol Bernal Díaz del Castillo em “*Historia verdadera de la Conquista de Nueva España*”. Em efeito, na obra *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana* (2002), da historiadora mexicana Cristina González Hernández, a autora afirma que os dados sobre a vida de *Malinche* se tornaram conhecidos através das crônicas do soldado do exército de Hernán Cortés. Hernández afirma, ainda, que as investigações sobre seu lugar de nascimento, morte, papel desempenhado durante a Conquista, entre outros, são motivo de divergência entre vários historiadores que trabalham com o passado pré-colombiano, já que essas informações corroboram para o julgamento tanto positivo quanto negativo da intérprete.

Bernal Díaz del Castillo registrou que *Malinche* teria nascido na região de *Painala*, onde estaria situada nos dias atuais na região de Cotzacoalcos, cidade do Estado de Veracruz, México (HERNÁNDEZ, Cristina, 2002, p. 194). Sobre a morte de *Malinche* há outras várias especulações, mas pela quantidade de versões confusas prevalece a ausência da causa da morte da indígena, presente no documento intitulado “*Probanza de méritos y servicios de doña Marina*”<sup>1</sup>, escrito em 1542 por Bernardino Vázquez de Tapia, também soldado de Hernán Cortés. Esse documento foi utilizado para esclarecer vários aspectos controversos sobre a vida de *Malinche* (HERNÁNDEZ, Cristina, 2002, pp. 251-252), apesar de contraditória a relevância do documento para os historiadores indigenistas contribuintes da conformação da história de *Malinche* como um todo. A infância, juventude, e o encontro de *Malinche* com os espanhóis tampouco são abordados de maneira exata no discurso da historiografia oficial. Bernal Díaz del Castillo, que dedicou um capítulo de seus relatos para descrever a vida de *Malinche*, afirma que sua mãe a vendeu como escrava para que seu filho homem, mais novo que *Malinche*, fosse o único

herdeiro e primogênito, podendo assim exercer cargos políticos em *Painala*, região *mexica* (HERNÁNDEZ, Cristina, 2002, p. 190). Já na puberdade foi vendida a comerciantes maias que, mais tarde, a venderam novamente ao seu primeiro dono, um cacique maia de Tabasco, sudeste do México. Neste período viajou por várias regiões de língua maia em Yucatán, razão do domínio da língua da qual também seria intérprete. Segundo o cronista, o encontro da personagem com os espanhóis se deu através do cacique maia de Tabasco, quem presenteou Hernán Cortés com vinte escravas indígenas, dentre elas *Malinche*. Em contato direto e diário com os castelhanos<sup>1</sup>, *Malinche* aprendeu rapidamente seu terceiro idioma, o castelhano.

O nome de batismo ou os nomes que adquire a personagem também são motivo para discussões e divergências. No transcorrer da historiografia oficial, o nome que se admite à *Malinche* é fundamental para perceber a posição dos historiadores e ensaístas no tratamento da indígena como mito. De acordo com a historiadora mexicana, seu verdadeiro e primeiro nome de batismo seria *Malinalli*, do *náhuatl*, “erva trançada”. Esse nome se origina do calendário *mexica tonalpohualli*, onde nele a data de nascimento de *Malinalli* corresponde ao décimo segundo dia ao longo de cinco ciclos anuais, cada ano com 260 dias. Porém, com a chegada dos colonizadores à região, *Malinalli* é batizada com o nome de Marina em prol das convicções católicas castelhanas. Os indígenas, falantes do *náhuatl*, não conseguiam pronunciar a consoante “r” da língua castelhana, dirigindo-se então a ela como “*Malina*”. Já ao conquistador Hernán Cortés se dirigiam como “*Malintzin*”, junção de “*Malina*” e do sufixo *náhuatl* “*tzin*”, que significa “o senhor de”. No entanto, os soldados do exército do conquistador decidiram modificar o sufixo “*tzin*” por “*che*” devido à dificuldade de pronúncia, dando origem ao nome “*Malinche*” (HERNÁNDEZ, 2002, pp. 187, 188). Dentre os nomes mencionados anteriormente, “*Malinche*” é o nome que caracteriza a personagem no discurso mexicano como traidora. Em virtude do domínio de três línguas, o *náhuatl*, o maia e o castelhano, a importância de *Malinalli* foi reconhecida pelo exército de Cortés e posteriormente intitulada na história narrada pelos cronistas castelhanos e *criollos*<sup>2</sup> por *Doña Marina*, como veremos nos tópicos a seguir, em função do trabalho que exercia como tradutora, intérprete, e muitas das vezes conselheira.

Curiosamente, o soldado de Hernán Cortés relata em suas crônicas que o nome “*Malinche*” era designado tanto a Hernán Cortés como a *Malinalli*. Segundo Castillo, isso se deve à visão de Cortés e *Malinche* como um só, tendo em vista que eram inseparáveis, pois Cortés considerava a indígena como “sua língua, sua voz”. Devido à

fidelidade de *Malinalli* ao conquistador, desde o século XIX é considerada traidora da nação mexicana, e de acordo com Octavio Paz (O. Paz) em “*El laberinto de la soledad*” (1998), desde o século XX atribuiu-se a ela o adjetivo pejorativo *malinchista*, um neologismo utilizado para desprezar aqueles que valorizam o estrangeiro em detrimento ao que é genuinamente mexicano.

É importante destacar neste tópico as contradições que se configuraram ao redor de *Malinche* desde o século XIX, apresentada de maneira ambígua e ao mesmo tempo desconhecida, haja vista a incerteza de sua biografia. Acreditamos que esta ambiguidade se deve ao reconhecimento da atuação fundamental de *Malinche* durante a Conquista pelo Estado mexicano. A nosso ver, isso certamente estremeceu o discurso patriarcal configurado a partir da Independência do México, já que o papel da mulher não era valorizado e por consequência se pensava que este momento histórico tão importante só poderia ter como protagonista a figura de um homem.

## QUADRO 2: AS TRANSFORMAÇÕES DO NOME DA PERSONAGEM

<i>Malinalli</i> (séc. XVI)	Corresponde à vida de serva anterior à chegada dos espanhóis. Aparece nas fontes indígenas e nos relatos de escritores indigenistas posteriores à Conquista do século XVI.
<i>Malintzin; Malintziné; Malintzé</i> (séc. XVI)	Nome que os indígenas utilizavam para dirigirem-se à intérprete e a Cortés durante a Conquista.
<i>Marina; Doña Marina</i> (séc. XVII-XIX)	Nome imposto através do batismo católico realizado pelos espanhóis. Caracteriza a personagem como sujeita da história relatada pelos cronistas espanhóis. É precedido pelo título de “ <i>Doña</i> ” pela importância que a indígena exerceu como intérprete. Os escritores hispanistas dos séculos XIX e XX também se referem a ela como <i>Doña Marina</i> .
<i>Malinche</i> (séc. XVI-XX)	Pronúncia espanhola de <i>Malintziné</i> ou <i>Malintzé</i> . Este é o nome que leva as conotações mais pejorativas após a conformação da identidade mexicana, originando o adjetivo “ <i>malinchista</i> ”, surgido no século XX de acordo com Octavio Paz.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.



### 2.2.2 A criação do *mito Malinche*: o retrato da personagem do século XVII ao XX

Quem é, afinal, “*La Malinche*” do discurso mexicano? De que maneira se constitui o mito? Apresenta-se nas principais bibliografias hispanistas da historiografia oficial mexicana uma personagem imersa em discursos predominantemente patriarcais. Assim, a prevalência de suposições sobre *Malinche* corroboram para a formulação de inúmeras correntes ideológicas, o que permitiu a criação de um mito que ignorou a reflexão sobre o papel de *Malinche* na Conquista como uma mulher real.

Nos capítulos a seguir, trataremos de descrever cronologicamente como a partir das crônicas do século XVI, que não podem afirmar-se verídicas em absoluto, embasou-se o discurso nacionalista iniciado após a Independência do México (1810-1821), o principal acontecimento para construção do retrato pejorativo de *Malinalli*.

#### 2.2.2.1 O patriotismo *criollo* (séc. XVII e XVIII) e a figura de *Doña Marina*: o papel das crônicas do séc. XVI

O patriotismo *criollo* exprime os primórdios do sentimento nacionalista formado após a Independência. O princípio deste ciclo se dá no século XVII quando os intelectuais mexicanos veem a importância de definir sua identidade após a emancipação da colônia da Nova Espanha. A busca e percepção de símbolos e mitos serão constantes neste período que objetiva engendrar um ideal patriota. Segundo a historiadora Cristina González Hernández, é neste momento que se resgata a figura de *Doña Marina*, que representa para a edificação da identidade *criolla* uma personagem imprescindível da Conquista.

No discurso *criollo* de Diego Durán (1537-1588), um dos historiadores espanhóis significativos para descrever as características do ideal novohispano, exibe-se o início de um sentimento patriótico, bem como um princípio de formação de identidade. Este sentimento patriótico desenvolveu-se de maneira pessimista e contraditória, pois ao mesmo tempo em que se criticava o caráter da Conquista, eram tecidos elogios ao conquistador, pois era um dos responsáveis pelo extermínio do território do qual os *criollos* se sentiam parte. O mesmo caráter exaltador e de culpa se dá com relação à *Doña Marina*, que em vários momentos recebe de Durán ainda mais destaque que Cortés (HERNÁNDEZ, 2002, pp. 54-55).

<sup>1</sup>Da página web da Real Academia Española: **criollo, lla.** (Del port. crioulo, y este de criar). **1.** adj. Dicho de un hijo y, en general, de un descendiente de padres europeos: Nacido en los antiguos territorios españoles de América y en algunas colonias europeas de dicho continente.

Tendo em vista a vitória castelhana sob o território mesoamericano, a agora denominada *Doña Marina* é tratada como heroína pelos descendentes castelhanos nascidos na Nova Espanha. Construiu-se um retrato glorificador da intérprete, exaltando suas habilidades em momentos decisivos durante a Conquista e seus conselhos em razão de seus conhecimentos geográficos e culturais das regiões. O caráter evangelizador da Conquista, uma vez que um dos aspectos que motivaram Hernán Cortés a invadir o território *mexica* consistiu na vontade Divina, atribuem à *Doña Marina* um aspecto divino e humano. Ambos os pontos de vista, castelhano e *criollo*, concordavam que a personagem cumpriu sua função mediante a ordem de um deus, o que nos faz perceber o início da construção de *Malinche* como um mito.

O discurso *criollo* do século XVIII utiliza-se das crônicas castelhanas para seguir com a conformação do caráter novohispano, descartando todos os relatos mestiços e *criollos*. A decisão pelo caráter glorificador à intérprete será de extrema importância para compreender os séculos seguintes, pois a construção oposta da personagem até então vista como heroína, se dá a partir de seu protagonismo, qualidades e fidelidade a Hernán Cortés desenvolvidos na Conquista.

#### **2.2.2.2 O discurso nacionalista (séc. XIX) e *Doña Marina*: o papel dos “escritores de la mexicanidad” do séc. XX**

O ideal nacionalista conformado após a Independência mexicana, iniciada em princípios do século XIX, aprofunda-se com base na ideologia do patriotismo *criollo*, agora no afã de promover um projeto de nação que pretende dar continuidade histórica e cultural desde os tempos pré-hispânicos. Este ideal revela o desejo de excluir da história mexicana a Conquista e a dominação espanhola, com o objetivo de formar uma sociedade de natureza genuína. Assim, a interpretação positiva que se fazia da Conquista nos séculos XVII e XVIII não corresponde ao ideal nacionalista do século XIX, tornando a leitura das crônicas de Bernal Díaz del Castillo negativa. Por conseguinte, o nascimento do Estado mexicano promove uma transformação profunda no retrato de *Doña Marina* (HERNÁNDEZ, 2002, p. 89).

O verdadeiro caráter mexicano proposto pelo discurso nacionalista se daria de acordo com os elementos e aspectos históricos e culturais próprios, anteriores à chegada dos conquistadores, concebendo este período somente como uma pausa entre o Império *Mexica* e a Independência. O Estado mexicano erigiu-se sobre as bases da nação indígena

que para eles é original, ignorando as características do Império *Mexica*: um Estado de poder descentralizado, estruturalmente e sociopoliticamente frágil, marcado pela ausência de unidade entre os povos de distintas culturas (HERNÁNDEZ, 2002. p.17). Com a exclusão da Conquista, os elogios agora dão lugar a interpretações desfavoráveis, admitindo a ela a culpa pelo fim do mundo pré-hispânico. A matança em *Cholula* e a morte de *Cuauhtémoc*, o herói da resistência, deixam de ser episódios nos quais a intérprete era glorificada convertendo-a em um ser humano cruel. A condição de “amante” de Cortés também corrobora para o propósito de rejeição da personagem, onde se concebe a personagem como um paradigma de abjeção e imoralidade.

Entendemos que a nova interpretação do Estado mexicano sobre a Conquista não admitiria que o pequeno exército de Hernán Cortés de fato destruiu o suposto Estado *mexica* que tanto exaltavam, pois assim cairiam em contradição. Assim, para fugir de aclarar as causas da vitória, se dispõe a encontrar os culpados pela destruição do Império através da visão das crônicas alimentada pelo contexto nacionalista, conferindo à *Doña Marina*, mulher e escrava, a responsabilidade pela queda do Império de *Moctezuma* (HERNÁNDEZ, 2002, p. 90). A construção ideológica se dá na culpa atribuída à personagem, sem mesmo considerar a inexistência de unidade *mexica* e, conseqüentemente, a ausência de uma suposta pátria a qual consideram que a intérprete traiu. Porém, é dessa forma que são determinadas as bases para o desenvolvimento da consciência nacional do México.

O Estado mexicano considerava a educação como principal instrumento para a difusão dos novos ideais da sociedade. O ensino escolar, desde a escola primária, será a chave para formar o perfil dos futuros mexicanos de acordo com o contexto nacionalista fundamentado, o qual pretende que dessa forma, todos terão objetivos e metas comuns. A nova ordem institucional projetava na educação a interpretação anti-hispanista da história do México a partir dos historiadores que partilhavam dos mesmos ideais, autores que perduram até o século atual. Os escritores e historiadores responsáveis pelos livros que fundamentariam o caráter cívico da nova ordem institucional assinalam o tom ultranacionalista em suas obras, apesar de por vezes apresentarem conceitos ambíguos.

A figura de *Doña Marina* não se faz muito presente nestas obras, porém, quando citada, é apresentada de maneira negativa. Para a maioria dos historiadores é vista como a protagonista no episódio da matança de *Cholula*, onde se atribui a ela a responsabilidade pela morte de muitos *cholultecas*. Pérez Verdía, escritor de “*Compendio de historia de México: escrito para uso de los colegios de instrucción superior de la República*”,

utilizado para instruir em conformidade com a nova ordem, menciona a indígena poucas vezes, exceto na matança de *Cholula*, onde a partir da crônica de Bernal Díaz del Castillo afirma que a intérprete traduziu em vários momentos de maneira conveniente, e que sua versão sobre a senhora que advertiu sobre o plano dos *cholultecas* de matar o exército castelhano pelos não passou de uma invenção em favor dos conquistadores (HERNÁNDEZ, 2002, p. 100). “*Historia de la civilización mexicana*”, escrito por Jesús Romero Flores, foi o livro oficial de história empregado no ensino primário das escolas públicas para desenvolver a consciência nacional dos pequenos mexicanos (HERNÁNDEZ, 2002, p. 102). O ponto de vista de Romero Flores sobre a intérprete da Conquista se dá na ausência da personagem em suas obras, fruto da rejeição que sentia pela indígena, que o faz não mencioná-la no desdobramento de suas ideias.

Entre os anos 1950 e 1960, gerou-se uma corrente de pensamento que discutia o caráter nacional engendrado desde século XIX até a metade no século XX. Os autores desta corrente são os chamados “*escritores de la mexicanidad*”, que fazem uma reflexão profunda em direção ao interior dos mexicanos, indagando a essência desse ser com o objetivo de encontrar soluções para os conflitos nacionais vivenciados. Essa corrente foi essencial para difundir o ideal nacionalista do (novo) Estado mexicano, pois foi a partir da implantação da nova ordem institucional na educação que se iniciou a formação do perfil dos futuros cidadãos mexicanos. Dentre estes autores trabalharemos no capítulo a seguir com o ponto de vista de Octavio Paz em seu ensaio literário “*El laberinto de soledad*”, que se tornou leitura obrigatória no Ensino Médio escolar e no Ensino Superior da educação mexicana. Em suma, esta obra trata da condição de filho bastardo na qual todos os mexicanos se sentem, em decorrência da relação entre *Malinche* e Hernán Cortés, ambos tratados com hostilidade pela nova ordem da consciência nacional.

### 2.2.2.3 “La chingada” e a identidade mexicana, segundo Octavio Paz

Em “*El laberinto de la soledad*” (1998), ensaio literário publicado pela primeira vez em 1950, O. Paz revela em oito capítulos os fundamentos da crise de identidade mexicana. O objetivo do autor é compreender a individualidade dos mexicanos e mexicanas e as razões do inconformismo em relação ao passado refletidas nas dicotomias enfrentadas para reconhecerem-se como cultura singular. “*No somos gente segura y nuestras respuestas como nuestros silencios son imprevisibles, inesperados. Traición y lealtad, crimen y amor, se agazapan en el fondo de nuestra mirada. Atraemos y repelemos*” (PAZ, 1998, p. 27). O autor acredita que as origens das atitudes mexicanas em sentirem-se únicos estão presentes na história do México, pois ela ajuda a compreender alguns dos traços do caráter mexicano. Para ele, somente uma mudança histórica impediria que os mexicanos deixassem de ser um problema, um “*misterio*” (PAZ, 1998, p. 29).

A condição na qual a obra foi escrita, seu exílio nos Estados Unidos, foi fundamental para que O. Paz estabelecesse um vínculo com o “outro” de sua própria cultura. Esse vínculo é recuperado no próprio percurso da história do México, onde O. Paz tenta resgatar a origem, a tradição e principalmente a identidade perdidas em virtude da Conquista espanhola. Este ensaio é a expressão máxima do isolamento que envolve os mexicanos onde, encerrados em si mesmos não conseguem integrar-se na sociedade e, além disso, não se identificam com suas raízes. Os questionamentos de Paz em relação à identidade mexicana não significam definir o caráter do mexicano, mas sim desvendar o que está encoberto sob as máscaras que ocultam seu verdadeiro ser.

A busca incessante pela identidade mexicana leva O. Paz a dedicar o quarto capítulo de seu ensaio, intitulado *Los hijos de la Malinche*, a uma das razões na qual atribui o paradoxo no qual vive o México: *La Malinche*. Antes de tudo, neste capítulo Octavio Paz não descreve a história muito menos o ofício de intérprete de *Malinche*. A introdução para as críticas severas que faz à indígena se dá através da linguagem, que para o autor é um meio para afirmar sua “*mexicanidad*”. A linguagem mexicana está dotada de palavras proibidas, pronunciadas em momentos emocionalmente intensos, sejam eles de alegria ou de ódio. Essas palavras revelam a intimidade do ser mexicano, representam sua liberdade de espírito e mostram a verdade dos sentimentos. São palavras carregadas de ambiguidade e que necessitam contexto para serem entendidas.

¡Viva México, hijos de la chingada! é uma das expressões proferidas pelos mexicanos quando querem exaltar a si mesmos ou afirmar sua pátria no dia da Independência. “La chingada” a qual se refere o autor é a representação mítica da maternidade. O verbo “chingar” está presente no vocabulário de várias culturas hispano-americanas, mas para o mexicano esse verbo envolve, segundo O. Paz, “una voz mágica”, devido suas inúmeras acepções. O significado mais importante para chegarmos ao ponto que queremos é o de “violentar outra pessoa”. “La chingada”, expressão genuína do México, representaria a mais pura passividade, pois é o oposto “al que chinga, que es activo, agresivo y cerrado” (PAZ, 1998, p. 32). O autor define “la chingada” como a mãe aberta, violada ou seduzida pela força:

(...)¿qué es la Chingada? La Chingada es la Madre abierta, violada o burlada por la fuerza. El “hijo de la Chingada” es el engendro de la violación, del rapto o de la burla. Si se compara esta expresión con la española, “hijo de puta”, se advierte inmediatamente la diferencia. Para el español la deshonra consiste en ser hijo de una mujer que voluntariamente se entrega, una prostituta; para el mexicano, en ser fruto de una violación. (PAZ, 1998, p. 33)

A conclusão a que chega O. Paz com esta definição é que havendo sido a Conquista um episódio de violência à história mexicana e às indígenas *mexicas*, *Malinche* poderia ser considerada como a própria mãe violentada, pois ela haveria se entregado ao estrangeiro sem resistência, neste caso a Cortés. “El símbolo de la entrega es doña Malinche, la amante de Cortés. Es verdad que ella se da voluntariamente al Conquistador, pero éste, apenas deja de serle útil, la olvida” (PAZ, 1998, p. 35). Assim, para O. Paz, o desaparecimento da cultura asteca é identificado nesta suposta entrega passiva da cultura indígena, que coopera para a formação de um pensamento onde uma mulher teria valorizado o estrangeiro em detrimento do nacional. Na visão do escritor mexicano, *Malinche* representa uma figura passiva e, em razão disso, não tem o perdão dos mexicanos porque anseiam ser uma nação sem interferência do estrangeiro, do estranho. Nesta busca pela singularidade a cultura mexicana nega quaisquer vínculos com o passado, almejam esquecer sua origem e, por conseguinte, que são filhos de uma Mãe que representa o nada (PAZ, 1998, p. 33)

O. Paz afirma que a perda de identidade dos mexicanos é provocada quando a indígena não resiste ao conquistador espanhol, tratando o acontecimento isolado da condição política do Império *Mexica*. No entanto, percebe-se no patriotismo *criollo* que não se pode falar em nação no século XVI. A visão de Paz é indiscutivelmente patriarcal.

Nesse discurso justifica a negação do mexicano diante o estrangeiro, que “*al repudiar a la Malinche, el mexicano rompe sus ligas con el pasado, reniega de su origen y se adentra solo en la vida histórica*” (PAZ, 1998, p. 36). Os conflitos internos vividos pelos mexicanos também resultam do sentimento de orfandade, em razão da negação e separação da “Mãre” proposta pela Reforma Liberal mexicana do século XIX (PAZ, 1998, p.36). Contudo, o que denotamos dos complexos que sofrem os mexicanos é senão a ambivalência da acepção abordada de “*la chingada*”, pois ao mesmo tempo que se abre ao exterior, se fecha a si mesmo, fazendo com que eles parem entre a condição de negação e aceitação, o que para nós absolve *Malinche* de qualquer “traição”.

### 2.2.3 A história de *MALINCHE* (2005), segundo L. Esquivel: um resgate ideológico

O propósito de uma “segunda” história de *Malinche* neste trabalho resulta do contraste em relação à historiografia oficial que exprime L. Esquivel através dos oito capítulos de sua obra. Neste subcapítulo apresentaremos a “*Malinche*” da autora mexicana, acentuando elementos que manifestam o desejo da autora em desconstruir os alicerces que edificaram a imagem de *Malinche* como traidora durante os séculos após a Conquista, como vimos nos subtítulos anteriores.

A narrativa de L. Esquivel inicia-se em 1504, com o nascimento de *Malinalli* e com o nascimento simbólico de *Hernán Cortés*. A descrição do nascimento de *Malinalli* e do renascimento de Cortés é fundamental para entender o caráter sobrenatural do romance literário, pois além dos fatos históricos utilizados, a autora manifesta a espiritualidade, um elemento que acompanhará e justificará os acontecimentos, as atitudes, e as emoções das personagens. O início da obra destaca características da infância que acompanharão as personagens, como por exemplo, o batismo revelador de *Malinalli* e a personalidade ambiciosa de Cortés evidenciada desde quando criança. A presença da avó de *Malinalli* também se faz importante na narrativa, pois é ela quem ensina à indígena o verdadeiro valor e significado das palavras (ESQUIVEL, 2005, p. 25).

Em paralelo, L. Esquivel apresenta o conquistador *Hernán Cortés* e o imperador *Moctezuma* sendo atormentados por inúmeros pesadelos (ESQUIVEL, 2005, p. 40 e pp. 42-43). Devido aos idiomas pertencentes aos nativos, o *náhuatl* e o maia, Cortés sentia-se privado e frustrado por não conseguir estabelecer nenhum tipo de comunicação, tendo em vista que era falante apenas do castelhano. A palavra era a principal arma do

conquistador e o fato de não conseguir expressar-se para levar a cabo suas estratégias de domínio sob a região, mesmo contando com a presença de seu intérprete Jerónimo Aguillar, deixava-o perturbado. Já *Moctezuma*, em razão da prática de costumes proibidos pelo deus *Quetzalcóatl*, sonhava todas as noites que ele regressaria para castigá-lo. De acordo com a narrativa, se o imperador *mexica* houvesse percebido que os sonhos e presságios antecedentes à chegada dos castelhanos que se assemelhavam ao regresso do deus *Quetzalcóatl* não passavam de uma coincidência, haveria exterminado o exército de Cortés em um só dia (ESQUIVEL, 2005, p. 44).

Em “*MALINCHE*”, a palavra é o grande ponto em comum dos protagonistas. A importância da palavra para *Malinalli* foi enfatizada pela avó ainda criança, quem ensina à neta que “...la saliva es agua sagrada que el corazón crea. La saliva no debe gastarse en palabras inútiles porque entonces estás desperdiciando el agua de los dioses, y mira, te voy a decir algo que no se te debe olvidar: si las palabras no sirven para humedecer en los otros el recuerdo y lograr que ahí florezca la memoria de dios, no sirven para nada” (ESQUIVEL, 2005, p. 25). Enquanto para Cortés, a palavra era um instrumento indispensável para colocar em prática suas estratégias de domínio.

Em troca do trabalho de *Malinalli* como intérprete, Cortés prometeu acabar com os sacrifícios humanos ordenados por *Moctezuma* e libertá-la da escravidão. Em uma das várias conversas entre as personagens, a intérprete falava sobre o deus *Tláloc*, o deus da água. Neste momento, Cortés se sente atraído por ela e rompe sua promessa de respeitar as indígenas da região. Assim, *Malinalli* é submetida a seus desejos sexuais sem importar-se com a vontade dela, que ao chorar devido à violência acredita que essas lágrimas são benditas por *Quetzalcóatl*, pois a água era uma das manifestações de seu deus (ESQUIVEL, 2005, pp. 84-85). Para nós, Esquivel deseja exprimir por intermédio da atração carnal de Cortés o desejo incontrolável do conquistador pela intérprete somente quando percebe que ela, através de sua crença, possui todo o poder nas mãos e será essencial para seus planos de Conquista.

Na narrativa de L. Esquivel, *Malinalli* figura iludida pela promessa de libertação com a derrubada do Império de *Moctezuma* e não se dá conta de que grande parte dos povos havia sido morta pelo exército castelhano, e também que estava sendo usada por *Cortés* para que ele pudesse alcançar seus objetivos. No entanto, inconformada ao perceber que foi enganada, propôs a Cortés que o fim às guerras para que eles pudessem viver como uma família. Tendo seu pedido negado, *Malinalli* foi obrigada a casar-se com um dos soldados do exército espanhol e sentiu-se como mais um objeto da Conquista.



Após o casamento, castiga a si mesma por todo o sangue derramado. Bifurca a própria língua para que fosse impossível seguir sendo intérprete de *Cortés* (ESQUIVEL, 2005, p. 162-163).

No fim da narrativa de Esquivel, *Malinalli* sentiu que sua língua foi a grande culpada por toda a destruição do Império de *Moctezuma*. Para ela, foi graças às palavras que pronunciou todo esse tempo que Cortés dominou o território *mexica*. *Malinalli* passou o resto de seus dias vivendo com o marido e os filhos, *María* e *Martín*, o primeiro mestiço, fruto da relação com Cortés. Na última conversa com o conquistador *Malinalli* pressentiu que com a morte de seu povo e das grandes mudanças ocorridas na região nada mais seria como antes. Este pressentimento é o início da morte da indígena na obra de L. Esquivel, onde a autora descreve um ritual de purificação no qual a personagem pede a *Quetzalcóatl* pela paz de seus filhos, os primeiros frutos da nova “raça”.

#### 2.2.4 O Novo Romance histórico de L. Esquivel

Com o intuito de resgatar a personagem a partir de uma perspectiva humana e feminina, L. Esquivel realiza em sua narrativa *MALINCHE* (2005) uma abordagem que despe a personagem da imagem pejorativa construída e propagada pela historiografia oficial. Durante a apresentação de sua obra na Feira do Livro de Buenos Aires em 2006, a autora revela que sua primeira atitude ao começar a redigir a narrativa foi desfazer-se de todos os conceitos incorporados sobre esta personagem desde a infância e adquiridos em sua vida diária:

*"Siempre se abordó la historia de la Malinche -indígena que fue intérprete y amante de Hernán Cortés- desde un punto de vista meramente histórico y muy injusto. Lo primero que yo intenté fue vaciarme de conceptos adquiridos en la escuela, en mi niñez, en la vida diaria donde se menciona la palabra 'malinchismo' con una carga peyorativa, la carga de la traición a su pueblo". (Jornal La Mañana de Córdoba, em 24 de abril de 2006)*

O contraste da personagem de ficção apresentada pela autora em “*MALINCHE*”, com respeito à figura retratada pela historiografia oficial, se enquadra nas características do “novo romance histórico”, gênero literário surgido no final dos anos setenta. Em “*La nueva novela histórica de América Latina*” (1993), do escritor e crítico literário norte-americano Seymour Menton, o autor afirma que em realidade a primeira obra que se enquadra neste gênero surgiu anos antes, em 1949, com a publicação de “*El reino de este*

*mundo*” do escritor cubano Alejo Carpentier (MENTON, 1993, p. 46). Nesta obra, Menton dedica-se a reunir as características das obras publicadas no final dos anos setenta que desenvolviam suas narrativas a partir de críticas ao processo de colonização de diversos países da América Latina. O novo romance histórico aparece para romper o discurso da historiografia oficial implantada pelo somente “romance histórico”, gênero predominante no final do século XIX e princípios do século XX. Seu objetivo é configurar a nacionalidade mexicana emergente, dando elementos que acentuassem a identidade pátria que vinha sendo legitimada pelo Estado. A obra de L. Esquivel, mesmo que publicada no século XXI, manifesta este aspecto abordado na obra de Menton, ponto principal para esclarecermos o projeto de escritura da autora.

A discrepância entre o discurso da história e o romance de L. Esquivel confirma que a historiografia oficial pretendida como hegemônica e única não retrata a versão dos oprimidos, impedindo a exposição do outro lado da história. A autora, ao apresentar *Malinalli* como uma personagem imprescindível durante a Conquista, revela que os escritos sobre a colonização do México desprezaram uma perspectiva importante e desconstrói a imagem edificada pela historiografia dos grandes ícones idealizados nos livros de história que foram escritos com base no discurso nacionalista. A criação fictícia do episódio da Conquista denuncia as “versões oficiais” aplicadas à educação mexicana e explora a possibilidade de conhecer o passado justificando e preenchendo as lacunas deixadas pelo discurso oficial. Através da obra de ficção literária, L. Esquivel busca aproximar-se da “verdade” para que haja ciência por parte dos mexicanos de todo o processo da colonização mexicana e, sobretudo, dá coerência aos conflitos vividos no presente, exposto no tópico referente a O. Paz, ao recapturar o passado apontando críticas ao que se construiu no imaginário da sociedade mexicana.

Um dos exemplos importantes para a desconstrução do mito de *Malinche* presente na obra de Esquivel resulta o caráter espiritual relatado por L. Esquivel. Na narrativa da autora mexicana, *Malinalli* e *Cortés* agiram em nome da fé em seus deuses, respectivamente Jesus Cristo e *Quetzalcóatl*. O desejo de conquista de Cortés na obra está acompanhado da convicção de libertar todos os indígenas da idolatria de vários deuses, e para isso seria necessário exterminar o Império de *Moctezuma*. “*Él era un hombre de fe. La fe lo elevaba, le proporcionaba altura, lo transportaba fuera del tiempo*” (ESQUIVEL, 2005, p. 56). A fé de *Cortés* alimentava ainda mais a vontade de enriquecer, pois acreditando que estava a serviço de Deus não enxergava o povoado *mexica* dotado de cultura própria e, além disso, sentia-se livre da culpa pela quantidade de mortos. Ao

passo que *Malinalli* era impulsionada por acreditar que os espanhóis eram enviados de *Quetzalcóatl* para dar fim às práticas proibidas de *Moctezuma*, principalmente a libertação dos escravos.

A conexão que *Malinalli* estabelecia com o divino era significativa para seu trabalho como intérprete, pois aferrada ao desejo de ser liberta da condição de escrava, interpretava a serviço dos deuses, que a seu ver desejavam a destruição do Império (ESQUIVEL, 2005, p.73). A percepção que *Malinalli* possuía do poder que proferiam suas interpretações provinha da responsabilidade espiritual de traduzir, uma vez que a palavra conferia à intérprete o poder da criação, exatamente como na Criação do mundo (ESQUIVEL, 2005, p.69). No entanto, *Malinalli* temia ser infiel ao deuses, pois descobriu que aquele que maneja os significados adquire poder, “...descubrió que al traducir, ella dominaba la situación y no sólo eso, sino que la palabra podía ser un arma. La mejor de las armas” (ESQUIVEL, 2005, pp. 71-72).

O medo da intérprete em atribuir significados às palavras que divergiam da vontade do deus *Quetzalcóatl* é expressa na narração de Esquivel sobre a matança de Cholula, um episódio que a historiografia oficial apresenta *Malinche* como a grande culpada. Na obra de L. Esquivel, a autora descreve que uma senhora havia contado à intérprete sobre o plano dos *cholultecas* para exterminar o exército de Cortés, mas que *Malinalli* não confiava em Cortés para revelá-lo. *Malinalli* reconhecia que seu papel era de extrema importância para o destino dos indígenas, dos senhores de Cholula e de Cortés e seu exército, e suas dúvidas giravam em torno de quem deveria servir na tarefa de interpretar: a *Quetzalcóatl* como crente fiel, a Cortés para garantir sua liberdade, e a ela mesma por agir somente com a verdade. Se traduzisse de acordo com sua própria visão dos fatos, não estaria obedecendo às ordens de *Quetzalcóatl* e poderia ser castigada. Porém, se os *mexicas* desconfiassem ou ela mesma revelasse que os castelhanos não passavam de simples mortais, seria aniquilada como Cortés e todos os castelhanos. (ESQUIVEL, 2006, p. 73)

O propósito da escritora em desatrelar a culpa atribuída à *Malinalli* se faz visível ao expressar os sentimentos de dúvida da indígena quando ela percebe que tem todo o poder nas mãos, o poder de tradução da palavra. O ponto de vista de L. Esquivel revela que a historiografia oficial não retrata as possíveis condições que se encontrava *Malinche* diante de toda sua responsabilidade. Outrossim, não expõe que o desejo de liberdade da indígena é plenamente compreensível em razão do abandono da família, da escravidão e sobretudo da falta de unidade do Império Mexica, ou seja, não havia conceito de nação

antes do século XVII. Não havia possibilidade de a personagem lutar em nome de uma pátria que sequer existia.

A criação literária dá à escritora liberdade para levantar possíveis questões referentes ao passado. Portanto, a consulta histórica realizada por L. Esquivel fundamenta seu argumento e não permite que a literatura aparente ser “inferior”, concedendo a sua obra de ficção a mesma significância que possui o discurso da história oficial. A obra literária de L. Esquivel sugere um caminho para compreender e construir o passado coadunando dois discursos, o incorporado ao imaginário mexicano através da educação e o apresentado pela literatura. Desta forma, se admite que a subjetividade e as várias versões e interpretações sobre o episódio é inerente a todo e qualquer acontecimento histórico, impossibilitando que vigore somente o discurso *forjado* pela historiografia oficial.

A releitura da história de *Malinalli* na obra da autora mexicana propicia um novo pensar sobre a indígena, sobre tudo por trata-se de uma personagem feminina. Em “*MALINCHE*” (2005), observamos como L. Esquivel problematiza a versão legitimada pela historiografia oficial, encontrando na literatura uma forma de desconstruir o discurso patriarcal imposto sob *Malinalli*. L. Esquivel retrata esta personagem não como traidora, mas como uma mulher que estava em busca de se ver livre de todas as opressões impostas à mulher do século XVI, que deveriam ser obrigatoriamente escravas e dedicar-se apenas às tarefas domésticas, sendo privadas até mesmo de cultuar sua religião.

O impacto que a narrativa da escritora exerce sob o leitor é significativo, pois sugere que ele, seja mexicano ou de outra nacionalidade latino-americana, repense a história da Conquista vivenciada por vários países da América Latina, resgatando o passado e discutindo a historiografia oficial. L. Esquivel sugere por meio de sua obra um novo olhar do mexicano sob um elemento *forjado* e incorporado à cultura mexicana, o que interroga a traição inquestionável de *Malinche* para a sociedade mexicana. No entanto, o impacto da obra de L. Esquivel não abrangerá somente a mexicanos, e destacamos aqui a importância da publicação da obra no Brasil. Com a interpretação de “*MALINCHE*” percebemos uma íntima ligação não só entre Estado e sociedade mexicana, mas também entre Estado e sociedade brasileira. Acreditamos na possibilidade do trabalho ideológico realizado no México ter sido realizado sociedade brasileira e, por isso, consideramos que a tradução da obra para o português do Brasil é primordial para os questionamentos ideológicos que propõe a obra de L. Esquivel.

### 3. A “TAREFA DO TRADUTOR” DE W. BENJAMIN NA TRADUÇÃO DA OBRA

*Die Aufgabe des Übersetzers*, (A tarefa do tradutor<sup>1</sup>), do filósofo, tradutor e crítico literário Walter Benjamin, é um ensaio publicado em 1923, em Heildeberg, Alemanha, e prefácio da tradução dos *Tableaux Parisiens* de Baudelaire do francês para o alemão. Nesse prefácio, onde o autor discute sua tradução, Walter Benjamin encontra a possibilidade de tradução na chamada “pura-língua”, isto é, a representação de uma língua que, além de ser ancestral a todas as outras línguas, é o reflexo de todas as línguas humanas. Para compreender a tarefa do tradutor de Benjamin, é necessário conhecer sua concepção de linguagem, na qual está fundamentado seu prefácio. A filosofia da linguagem do autor, a partir de seu ensaio “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana” (1926), consiste na diferença entre “o que é comunicado *na* linguagem e o que é comunicado *através* da linguagem” (CLAUDECIR DOS SANTOS, 2010, p. 110), conceitos fundamentais para compreender sua teoria. Neste capítulo, trataremos de identificar a tarefa do tradutor realizada na tradução dos capítulos um e dois de *Malinche*, à luz dos conceitos propostos no ensaio de Walter Benjamin.

Nas primeiras linhas de “A tarefa do tradutor”, Walter Benjamin revela que, assim como o artista de uma obra de arte não pressupõe um receptor no qual pretenderia relacionar-se, o tradutor não deveria idealizar um leitor que poderá identificar-se com sua tradução. Tradução não é comunicação e não é recepção (BENJAMIN, 1923, p. 102). Para Benjamin, a tradução que objetiva comunicar e servir o leitor é considerada uma má tradução e transmite algo de “inessencial”. O conceito de “inessencial” de Benjamin contrapõe-se ao que ele afirma “essencial” para uma boa tradução, porque no “essencial” reside o misterioso e o poético de uma obra literária (BENJAMIN, 1923, p. 102). Assim sendo, ao analisarmos a tradução de “*MALINCHE*” observamos que a presença de um paratexto, neste caso o prefácio, escrito pela própria tradutora, pretende que a tradução apresentada foi dada com intenção de servir a um leitor e, assim, comunica-lo.

<sup>1</sup>A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo, Editora 34, 2011, p. 101-119.

### 3.1 O papel do paratexto na tradução de “*MALINCHE*”: comunicação sem poesia

De acordo com *Paratextos Editoriais* (2009), originalmente em francês *Seuils* (1987), do crítico literário Gérard Genette, a paratextualidade se define como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p.9). Assim sendo, o paratexto da tradução de “*MALINCHE*” (2005) comunica-se diretamente com o leitor conceitualizado durante a atividade tradutória. No entanto, a ideia da abertura da tradução com o paratexto do tradutor tem função não de expor estratégias ou questões estilísticas do autor do texto original, mas sim de tornar patente o contexto no qual a obra se insere, com o objetivo de lançar ao leitor uma reflexão ideológica. Entretanto, não entendemos a presença desse leitor como “ideal”, ou seja, propriamente delineado aos moldes da proposta tradutória rejeitada por Benjamin.

O prefácio da tradução de “*MALINCHE*”, tem como finalidade abordar as questões ideológica e identitária pretendidas por trás da obra original. Nossa intenção é que o leitor brasileiro veja-se como um personagem que também foi afetado por um processo de colonização similar, considerando como hipótese as características semelhantes que México e Brasil possuiriam, a fim de provocar um questionamento de identidade em razão da colonização portuguesa. W. Benjamin, ao desconsiderar o leitor e consequentemente, descartar a possibilidade de comprometer-se com um arquétipo de recepção, afasta-se da tarefa de comunicação. Para o autor, dialogar com o receptor significa a “morte” da transmissão de sua essência. O essencial, o mistério de uma obra não deve ser dito. Contudo, questionamos o paradigma no qual se introduz essa afirmação.

Se declaramos que o conceito de Benjamin em relação à forma diz respeito somente a “letra”, acreditamos que o conceito do autor não se aplica ao ponto de vista do pretexto ideológico que induziu L. Esquivel a escrita da obra. Além disso, se considerarmos que o filósofo aplica estes conceitos às obras literárias que não pretendam formar ou modificar as concepções ideológicas do leitor, argumentamos que antes da obra ser uma composição poética, antes que houvesse o processo de criação de uma linguagem, a concepção inicial de *Malinche* é sobretudo ideológica e se faz poética a partir do aspecto ideológico que pretende desconstruir o arquétipo formado de *Malinche*. Apesar de sua classificação literária, não podemos esquecer que como toda obra de ficção, esta obra deseja questionar a versão da historiografia oficial sobre *Malinche*. Consideramos que

tratá-la literariamente é uma das várias camadas do romance e, apresentar um paratexto que expõe o resultado do discurso histórico reivindicado por L. Esquivel não escancara o mistério “poético” que envolve a obra. Além disso, se romance de L. Esquivel visa comunicar e advertir seus leitores em relação à construção de um mito, a tradução, por conseguinte, também deve comunicar a seus leitores sobre a desconstrução da personagem do texto original. No entanto, a comunicação estabelecida com o leitor não resultaria algo “*inessencial*” tendo em vista que seu propósito não é plasmar o leitor em conformidade com a tarefa tradutória.

A tarefa do tradutor de Walter Benjamin está centrada em sua definição de tradução como uma forma (BENJAMIN, 1923, p.102). Para o autor, a traduzibilidade, ou por assim dizer a possibilidade de tradução, possui dois significados. O primeiro compreende a existência de um tradutor que identifique a pura-língua. Acreditamos que se a *essência* da tradução manifesta o mesmo mistério vivo na obra original, é possível cumprir a missão de Benjamin no que se refere à intrinsecidade do sujeito-tradutor. A forma que utilizamos para a tradução de “*MALINCHE*” compreende a *essência* da obra original não revelada de Benjamin. O título da obra traduzida exemplifica que a tradução não põe a mostra, mas sim revela o mistério e a *essência* da obra de L. Esquivel. O sentido da obra da autora mexicana abre possibilidade para várias traduções do título em razão de seu propósito em resgatar uma personagem tão controversa e polêmica no México. O título da tradução poderia revelar a reivindicação da personagem de Esquivel, e um tradutor ousado poderia atrever-se a intitulá-la “Uma outra *Malinche*”, por exemplo. Este exemplo é apenas uma hipótese para defendermos a tradução por simplesmente “*Malinche*”, que assim como a obra original, oculta a *essência* da obra discutida por Benjamin.

A tradução da forma também pode ser vista na presença de palavras em *náhuatl*, uma das línguas que correspondem à cultura originária do México. A importância de manter o vocabulário da língua *náhuatl* no texto traduzido é fundamental para manifestar resistência ao apagamento de uma das línguas que se remetem ao passado indigenista *mexica*, o que também objetiva Esquivel com a recuperação da língua. Se houvéssomos pretendido traduzir os vocábulos pelo significado de cada um deles, a tradução não obedeceria à forma de W. Benjamin e, principalmente, colaboraria com o desaparecimento das línguas indígenas.

Apresentamos como exemplo a palavra “*huipil*”, do *náhuatl huipili*. A definição que apresenta o dicionário da Academia de Letras Mexicana é “*prenda de vestir de mujer*,

*sin mangas; la usan en particular algunas mujeres indígenas*”. Ao buscar imagens desta peça de roupa identificamos que ela se parece a um vestido, no entanto a obra de Esquivel atribui a ela, além de vestido, muitos outros significados (MALINCHE, 2005, p. 47), o que faz com que não admitamos uma tradução de *huipil* simplesmente por vestido ou túnica. Portanto:

### QUADRO 3: A TRADUÇÃO DE *HUIPIL*

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 13)	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
“La niña estaba ataviada con un <i>huipil</i> y unas alhajas pequeñas que su abuela y su madre habían elaborado personalmente para ella.”	“A menina estava ataviada com um <i>huipil</i> <sup>9</sup> e algumas pequenas joias que sua avó e sua mãe haviam elaborado pessoalmente para ela.”	<sup>9</sup> Do náhuatl <i>huipilli</i> . Vestido bordado característico utilizado pelas mulheres indígenas.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

A manifestação de resistência se dá na permanência da palavra na língua originária do México e também por estarem acompanhadas de um paratexto, neste caso nas Notas (do tradutor) ao final da tradução, que indicam origem e significado de uma cultura pertencente a outra época, anterior à Conquista.

Na tradução para o português no Brasil concebemos uma *essência* histórica colonizadora similar à cultura mexicana. Ambas estabelecem relações estreitas de identidade em virtude de serem países que viveram processos de Conquista semelhantes. Para justificar essa afirmação, colocamos em evidência quais elos estabeleceriam, por exemplo, a obra original de L. Esquivel com a traduzibilidade na tradução de “*MALINCHE*” para o português de Portugal por tratar-se de um país com processo histórico totalmente distinto. Seria possível traduzir a voz do colonizado para a voz do colonizador? A tradução de “*MALINCHE*” está realizada em função da voz do colonizado, do contrário, não haveria sido feita uma tradução.

A tradução questiona o que foi retratado pela voz daquele que apresentava poder para formar a consciência nacional mexicana. Esta questão correlaciona-se com a pura-língua, pois, se nela encontra-se a capacidade de duas línguas reconhecerem suas formas de expressão, pois de que modo se daria o a tradução do “eu” tradutor-vencedor em oposição ao “eu” tradutor-oprimido? Para isto, retomamos a abertura da tradução com o prefácio, que mesmo dando conhecimento sobre o “outro”, não diferem essencialmente



entre si, pois encenam a natureza latinoamericana. Reconhecemos que o “expressar” das línguas que Benjamin trata não se remete ao que os autores e tradutores pretendem ao escrever, mas sim à criação e recriação de uma linguagem.

Expressar a realidade da pura-língua refletida na íntima conexão das línguas do original e da tradução compete ao tradutor. A manifestação da vida do original se revela no momento em que o tradutor, em sua tarefa tradutória, reconhece na cavidade mais profunda da língua do texto original um parentesco com a língua para qual será traduzido. O relacionamento íntimo das duas línguas “consiste no fato de que as línguas não são estranhas umas às outras, sendo ‘a priori’ – e abstraindo de todas as ligações históricas – afins naquilo que querem dizer”. (BENJAMIN, 1923, p. 107).

### 3.2 O “modo de visar” e o “visado” de W. Benjamin

O papel do tradutor entra em atividade quando ele se desprende da intenção do texto original e se vê liberto para reconhecer o “modo de visar” (BENJAMIN, 1923, p. 115) que será expresso no texto traduzido. Benjamin esclarece o conceito juntamente com o conceito de “visado” utilizando-se do exemplo do “pão”: *brot*, em alemão, e *pain*, em francês. O significado -ou como trata Benjamin, o visado- da tradução das suas palavras é o mesmo, porém, o tradutor tem a missão de despertar a mesma sensação que exprime o alimento nas duas culturas. Esses conceitos na tradução de “*MALINCHE*” podem ser identificados através dos nomes próprios que se referem a lugares.

No primeiro capítulo da obra de Esquivel, a autora narra que os três dias seguidos de chuvas torrenciais no *valle del Anáhuac* advertiam que o deus *Tláloc* anunciava um grande acontecimento. O *valle del Anáhuac* compreende atualmente ao Vale do México, nome imposto pelos espanhóis após a Conquista. “Valle del Anáhuac”, do *náhuatl*, significa “lugar próximo a água”, pois no período anterior a Conquista era um vale que estava rodeado de água. O “*Valle de México*”, no entanto, não possui nenhum significado e após a Conquista foram construídos vários edifícios ao seu redor. Nosso objetivo com este exemplo é esclarecer a decisão tradutória por “vale do *Anáhuac*”, que denota exatamente o lugar ao qual se remete a autora mexicana em sua obra, ou seja, o visado. Optar pela tradução de “Vale do México” desmonta todo o cenário que se utiliza Esquivel para ressaltar as características *mexicas* destruídas com a Conquista.

O sentido de recriação da tradução, para W. Benjamin, se dá quando o tradutor se liberta da prisão da língua do original e busca na forma o modo de significar da tradução

através do modo de significar do original. Esta relação se mostra na afinidade que o tradutor encontrará no ato de traduzir pela pura-língua.

“A tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso” (BENJAMIN, p. 115).

O modo de visar na língua traduzida diferencia-se do modo de visar da língua do texto fonte, pois o visado de “*valle del Anáhuac*” para um leitor mexicano não é o mesmo para um leitor brasileiro, já que tratamos de territórios geográficos distintos.

#### QUADRO 4: EXEMPLO PARA “*MODO DE VISAR*” E “*VISADO*”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 9)	Fragmento do texto traduzido
<i>Primero fue el viento. Más tarde, como un relámpago, como una lengua de plata en el cielo, fue anunciada en el valle del Anáhuac la tormenta que lavaría la sangre de la piedra.</i>	Primeiro foi o vento. Mais tarde, como um relâmpago, como uma língua de prata no céu, foi anunciada no <b>vale do Anáhuac</b> <sup>7</sup> a tormenta que lavaria o sangue da pedra.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

Tentamos aproximar-nos à noção de destruição de um lugar genuinamente mexicano ao apresentarmos o paratexto, neste caso incluído nas notas ao final da tradução, informando que este Vale já não existe mais, foi substituído.

A tradução dos capítulos “*Uno*” e “*Dos*” de “*Malinche*” de Esquivel decorre da postura assumida pelo sujeito-tradutor que, ao concordar com propósito da autora em ressaltar as características culturais mesoamericanas, optou por escolhas tradutórias que reivindicassem as mesmas questões propostas por L. Esquivel, admitindo nessas escolhas que o tradutor não confessa o “mistério” e a “*essência*” contidos na obra original. No subtítulo que segue, exemplificaremos através dos nomes próprios/vocábulos em *náhuatl* da obra de que forma a tradutora tomou suas decisões, como recriou, segundo W. Benjamin, resguardou o *essencial*, a tarefa cumprida à luz da reflexão da pura-língua discutida.

### 3.2.1 Os nomes próprios e/ou vocábulos em *náhuatl*

Os elementos referidos pela autora mexicana na reivindicação de *Malinche* pretendem trazer à memória o passado que remonta à realidade vivida pela indígena, divergindo do contexto no qual se apresenta a personagem na historiografia oficial. As escolhas tradutórias se fundamentam a partir do propósito da desconstrução ideológica de *Malinche*, onde essas decisões exprimem as qualidades mesoamericanas e complementam a linguagem criada por Esquivel engendrando mistério e curiosidade em relação às imagens enigmáticas exibidas no transcorrer da obra. Desta forma, valorizaremos a importância de um dos idiomas que predominava antes da Colonização, resistindo o desaparecimento das línguas indígenas.

Os nomes próprios que exemplificaremos nosso objetivo de tradução reportam-se às regiões do território mexicano antes da Conquista e a deuses cultuados pelos *mexicas*, a saber: *valle del Anáhuac*, *Painala*, *Tenochtitlán*, *Templo Mayor*, *Tláloc*, *Cihuacóatl*, *Quilaztli*, *Huitzilopochtli*, *Quetzalcóatl* e *La Española*. A tradução dos nomes próprios, com exceção de “vale” referente ao “*valle del Anáhuac*”, resulta em primeiro lugar, da intenção de resgatar as características da cultura mesoamericana que prevalecia antes da destruição em virtude da Conquista e substituição pela cultura castelhana. Em segundo lugar, como comentamos anteriormente, a escolha de manter os nomes próprios originais reflete os conceitos de “modo de visar” e “visado” propostos por Benjamin, onde através deles tratamos de atingir o objetivo de recriar a mesma “essência” que propõe a obra de Esquivel ao recuperar elementos *mexicas*. As notas que acompanham a tradução pretendem apresentar ao leitor o significado, exceto dos nomes próprios de pessoa, das palavras em *náhuatl*, de territórios mesoamericanos, e dos deuses cultuados pelos *mexicas*.

O primeiro capítulo narra uma tormenta no “*valle del Anáhuac*” que precede ao nascimento de *Malinalli*.

### QUADRO 5: A TRADUÇÃO DE “VALLE DEL ANÁHUAC”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 9)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do Tradutor
<i>Primero fue el viento. Más tarde, como un relámpago, como una lengua de plata en el cielo, fue anunciada en el valle del Anáhuac la tormenta que lavaría la sangre de la piedra.</i>	Significa “ <i>lugar cerca del agua</i> ” e origina-se do vocábulo <i>anauak</i> .  <i>a</i> : água <i>nahuak</i> : rodeado	Primeiro foi o vento. Mais tarde, como um relâmpago, como uma língua de prata no céu, foi anunciada no <b>vale do Anáhuac</b> <sup>1</sup> a tormenta que lavaria o sangue da pedra.	<sup>1</sup> <i>Anáhuac</i> , do <i>náhuatl</i> <i>Anauak</i> . Após a Conquista espanhola foi intitulado <i>Valle de México</i> , localizado nos dias atuais na Cidade do México – DF, México.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

O “*valle del Anáhuac*” representa o local onde residiu uma das maiores civilizações, atualmente denominada asteca. Posteriormente, a colonização a região do vale do *Anáhuac* recebeu o nome de “Vale do México”, nome pelo qual desde então é conhecido. A tradução por “vale do *Anáhuac*” transpõe a carga cultural do México antes do período da colonização. Já se traduzíssemos por “Vale do México” não se remeteria à mesma região geográfica do nascimento de *Malinalli*. O vale do *Anáhuac* situava-se próximo a dois lagos, já o Vale do México, nome atual, está rodeado de construções. A utilização de “vale” e não “*valle*” deriva-se da igualdade de acepções, neste caso, para ambas as palavras.

### QUADRO 6: A TRADUÇÃO DE “PAINALA”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 10)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
<i>Ese día, lejos del valle del Anáhuac, en la región de Painala, una mujer luchaba por dar a luz a su primogénito.</i>	Povoado e região onde nasceu <i>Malinalli</i> , se situaria nos dias atuais na cidade de Cotzacoalcos, Estado de Veracruz.	Neste dia, longe do vale do <i>Anáhuac</i> , na região de <b>Painala</b> <sup>3</sup> , uma mulher lutava para dar à luz a seu primogênito.	<sup>3</sup> Povoado mexicana que se situaria nos dias atuais na cidade de Cotzacoalcos, Estado de Veracruz, México.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

Outra região referente ao nascimento da indígena é *Painala*, povoado exterminado pelos castelhanos no processo de Conquista. Por tratar-se de uma região que não existe

mais e com o intuito de enfatizar o leque de características culturais *mexicas*, manteve-se o mesmo nome.

#### QUADRO 7: A TRADUÇÃO DE “*TENOCHTITLAN*”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 22)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
<i>Malinalli dejó escapar unas lágrimas. De pronto pensó en Cihuacóatl, la mujer serpiente, la diosa también llamada Quilaztli, madre del género humano, quien por las noches recorría los canales de la gran Tenochtitlan llorando por sus hijos.</i>	Do <i>náhuatl</i> Tetl, pedra; Nochtli, tuna (fruto do cacto); Tlan, lugar de. Situava-se geograficamente no atual Zócalo, no centro da Cidade do México.	<i>Malinalli</i> deixou escapar algumas lágrimas. De repente pensou em <i>Cihuacóatl</i> <sup>17</sup> , a mulher serpente, a deusa também chamada <i>Quilaztli</i> <sup>18</sup> , mãe do gênero humano, quem durante as noites percorria os canais da grande <i>Tenochtitlan</i> <sup>19</sup> chorando por seus filhos.	<sup>19</sup> Capital do Império Mexica. Significa do <i>náhuatl</i> , Tetl = pedra Nochtli= tuna (fruto do cacto) Tlan = lugar de. Situava-se geograficamente em Zócalo, centro da Cidade do México.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

Além de resgatar territórios que não coincidem com os atuais, apresentamos o nome original em *náhuatl* da capital do Império Mexica, “*Tenochtitlán*”, e o principal templo de adoração dos indígenas, o “*Templo Mayor*”.

#### QUADRO 8: A TRADUÇÃO DE “*TEMPLO MAYOR*”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 29)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
<i>El tercero fue un rayo mortal que cayó sobre un templo de paja perteneciente al Templo Mayor de Tenochtitlan; fue un golpe de sol que surgió de la nada, pues apenas caía una leve llovizna.</i>	Do <i>náhuatl</i> “ <i>hueyteocalli</i> ”.	O terceiro foi um raio mortal que caiu sobre um templo de palha que pertencia ao <i>Templo Mayor</i> <sup>25</sup> de <i>Tenochtitlan</i> ; foi um golpe de sol que surgiu do nada, pois apenas caíam alguns chuveiros.	<sup>25</sup> Principal templo religioso mexica. Do <i>náhuatl</i> <i>hueyteocalli</i> . Sua cons-trução foi dedicada aos deuses <i>Tlaloc</i> e <i>Huitzilopochtli</i> . Todo o templo foi assolado por Hernán Cortés. Depois de alguns anos tentaram reconstruir algumas partes do Templo, porém nos dias atuais não resta quase nada.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

A construção do Templo foi dedicada aos deuses *Tláloc* e *Huitzilopochtli* e foi assolado pelo conquistador castelhano. Depois de alguns anos tentaram reconstruir algumas partes do Templo, porém nos dias atuais não restou quase nada. A tradução mantém os dois nomes derivados do *náhuatl*, comprovando que os *mexica* eram dotados de cultura própria e que foi assimilada por todo o exército de Cortés.

#### QUADRO 9: A TRADUÇÃO DE “TLÁLOC”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 9)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
Ellos estaban acostumbrados a escuchar y a interpretar la voz del agua pero en esa ocasión sintieron que <b>Tláloc</b> , el dios de la lluvia, no sólo trataba de decirles algo sino que, por medio del agua, había dejado caer sobre ellos una nueva luz, una nueva visión que daría otro sentido a sus vidas, y aunque aún no sabían claramente cuál era, así lo sentían en sus corazones.	Do <i>náhuatl</i> , “néctar da terra”.	Eles estavam acostumados a escutar e a interpretar a voz da água, mas nesta ocasião sentiram que <b>Tláloc</b> <sup>2</sup> , o deus da chuva, não só tentava dizer algo mas também que, por meio da água, havia deixado cair sobre eles uma nova luz, uma nova visão que daria outro sentido à vida, e mesmo que ainda não soubessem claramente qual era, assim sentiam em seus corações.	<sup>2</sup> Do <i>náhuatl</i> , “néctar da terra”. Deus responsável pelas chuvas, chamado também de deus da chuva, deus das águas, deus benéfico das chuvas. Era cultuado para que pudesse chover e assim se cultivasse a agricultura local. Dono de forças destruidoras e quando era de sua vontade enviava desde granizos a deixar a região bastante seca.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

A motivação de Hernán Cortés para dominar territórios por ele desconhecidos, seguida do enriquecimento por meio da mão de obra escrava –assim como a de outros conquistadores do Novo Mundo–, era a de difundir a religião católica por todo o mundo. A incapacidade por admitir o diferente como “outro” era tamanha que sentiam que deveriam de ensinar aos indígenas que o verdadeiro deus era o Deus católico. A extinção das religiões cultuadas pelos povos mesoamericanos inicia-se logo após a chegada dos castelhanos. O texto de L. Esquivel está marcado pelos deuses cultuados antes de ser imposta a crença católica de que em realidade existe um único Deus. O primeiro deus presente no capítulo “*Uno*” é o deus *Tláloc*, chamado também de deus da chuva, deus das águas, deus benéfico das chuvas. Era o “dono de forças destruidoras” e cultuado para que pudesse chover e assim se cultivasse a agricultura local Quando era de sua vontade,

enviava desde granizos a deixar a região bastante seca. Tratando-se de um nome próprio que se refere a uma deidade *mexica*, o nome se manteve o mesmo.

#### QUADRO 10: A TRADUÇÃO DE “*CIHUACÓATL*”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 22)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
<i>Malinalli dejó escapar unas lágrimas. De pronto pensó en Cihuacóatl, la mujer serpiente, la diosa también llamada Quilaztli, madre del género humano, quien por las noches recorría los canales de la gran Tenochtitlan llorando por sus hijos.</i>	Em <i>náhuatl</i> “mulher serpente”. Lado feminino do deus <i>Quetzalcóatl</i> .	<i>Malinalli</i> deixou escapar algumas lágrimas. De repente pensou em <i>Cihuacóatl</i> <sup>17</sup> , a mulher serpente, a deusa também chamada <i>Quilaztli</i> <sup>18</sup> , mãe do gênero humano, quem durante as noites percorria os canais da grande <i>Tenochtitlan</i> <sup>19</sup> chorando por seus filhos.	<sup>17</sup> Do <i>náhuatl</i> , “mulher serpente”. Lado feminino do deus <i>Quetzalcóatl</i> . É a protagonista da lenda <i>mexica</i> “ <i>La llorona</i> ”, que consistia em uma mulher que chorava todas as noites pelos seus filhos, fazendo com que todos a escutassem. Sempre que ela chorava se temia o acontecimento de algo. De fato, uma década depois de tanto choro, consumou-se a conquista.  <sup>18</sup> Outro nome de <i>Cihuacóatl</i> . Deusa mãe e padroeira das mulheres mortas no primeiro parto, convertidas em deusas chamadas <i>Cihuateteo</i> .

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

Outros dos deuses cultuados se tratam de uma deusa: *Cihuacóatl*, também conhecida por *Quilaztli*. É a protagonista da lenda “*La llorona*”, mulher que chorava todas as noites pelos seus filhos, fazendo com que todos a escutassem. Sempre que chorava temia-se o acontecimento de algo. De fato, uma década depois de tanto choro, foi consumada a Conquista. A representação desta deusa mitológica é fundamental na tradução da obra, ela confirma que os indígenas sentiam que algo ruim aconteceria. A tradução pelo seu significado -mulher serpente- não demonstra o caráter político presente no nome em *náhuatl*, mesmo que sua acepção tampouco revele os enigmas que envolvem o nome da deusa, assim como os de outros deuses. A deusa *Cihuacóatl*, quando referida

como *Quilaztli* quer dizer deusa mãe e padroeira das mulheres mortas no primeiro parto, convertidas em deusas chamadas *Cihuateteo*.

### QUADRO 11: A TRADUÇÃO DE “*HUITZILOPOCHTLI*” E “*QUETZALCÓATL*”

	Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 29)	Significado e/ou vocábulo em <i>náhuatl</i>	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
<i>Huitzilopochtli</i>	<i>El segundo presagio fue el incendio que destruyó el templo de Huitzilopochtli, el dios de la guerra, sin ninguna explicación, sin que nadie hubiese encendido el fuego y sin que nadie lo pudiese apagar.</i>	Do <i>náhuatl</i> , “colibri do sul” ou “colibri da esquerda do sol”,	O segundo presságio foi o incêndio que destruiu o templo de <i>Huitzilopochtli</i> <sup>24</sup> , o deus da guerra, sem nenhuma explicação, sem que ninguém houvesse acendido o fogo e sem que ninguém pudesse apagá-lo.	<sup>24</sup> Do <i>náhuatl</i> , “colibri do sul” ou “colibri da esquerda do sol”, era o deus do Estado e da guerra, padroeiro de <i>Tenochtitlán</i> e muito cultuado pelo império <i>Mexica</i> .
<i>Quetzalcóatl</i>	<i>La abuela interpretó esa imagen como un mensaje del dios Quetzalcóatl que en forma de serpiente se enredaba en el cuello y en la boca de la criatura.</i>	Do <i>náhuatl</i> “serpente emplumada”, ou “serpente que voa”.	A avó interpretou essa imagem como uma mensagem do deus <i>Quetzalcóatl</i> <sup>5</sup> que em forma de serpente se enrolava no pescoço e na boca do bebê.	<sup>5</sup> Do <i>náhuatl</i> “serpente emplumada”, divindade cultuada pelos toltecas, maias e sobre tudo os <i>mexicas</i> . Deus introdutor do milho e criador do homem.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

Confirmando o politeísmo da cultura *mexica*, apresentamos dois últimos deuses, *Huitzilopochtli* e *Quetzalcóatl*. O primeiro deles foi o deus do Estado e da guerra, padroeiro de *Tenochtitlán* e muito cultuado pelo Império *Mexica*. O segundo é *Quetzalcóatl*, uma das principais divindades da mitologia *mexica*. Os indígenas ansiavam seu retorno e por esse motivo creram que o exército castelhano era uma confirmação do regresso de *Quetzalcóatl*. É o deus criador do milho e do homem, que após ser embriagado pelo irmão –que desejava seu lugar no império– teve relações sexuais com a própria irmã e nunca mais voltou, mas que prometeu voltar.



## QUADRO 12: A TRADUÇÃO DE “LA ESPAÑOLA”

Fragmento do texto de L. Esquivel (2005, p. 16)	Significado	Fragmento do texto traduzido	Nota do tradutor
<i>Ese año de 1504, cuando el joven Hernán Cortés pisó la isla de <b>La Española</b> (isla que actualmente comprende República Dominicana y Haití) y se dio cuenta de que había un mundo que no era el suyo, su imaginación se llenó de deseos.</i>	Presente no texto.	Neste ano de 1504, quando o jovem <i>Hernán Cortés</i> <sup>12</sup> pisou na ilha de <i><b>La Española</b></i> <sup>13</sup> (ilha que atualmente compreende a República Dominicana e o Haiti) e se deu conta de que havia um mundo que não era seu, sua imaginação se encheu de desejos.	<sup>13</sup> Atualmente é conhecida por São Domingos.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

O único nome próprio referente à localidade presente nos dois capítulos traduzidos que não deriva-se do *náhuatl* é “*La Española*”, o primeiro território ao qual chegou Hernán Cortés ao pisar no Novo Mundo. É a segunda maior ilha do Caribe e está dividida entre a República Dominicana e o Haiti. Atualmente é popular pelo nome de “São Domingos”, um dos nomes recebidos pela ilha após o descobrimento e colonização dos castelhanos. Neste caso, julgamos que assim como “*valle del Anáhuac*”, “*La Española*” remete-se a um dos palcos da Conquista que era território indígena. Assim, a nota do tradutor para “*La Española*” aponta que no período da Conquista este território havia outro nome.

## QUADRO 13: A TRADUÇÃO DOS VOCÁBULOS EM NÁHUATL

	Trecho da obra	Origem e Significado em castelhano ( <i>Academia Mexicana de la Lengua</i> )	Tradução	Nota do Tradutor
<i>Temascal</i>	Durante el baño en <b>temascal</b> —inmediatamente anterior al parto— ella no había detectado que el feto viniera mal acomodado.	Do <i>náhuatl temazcalli</i> .  Baño de vapor construido en un cuarto de adobe, parecido a un horno, en el que se ponen piedras calientes y yerbas olorosas.	Durante o banho no <b>temascal</b> <sup>4</sup> – imediatamente anterior ao parto – ela não havia percebido que o feto estava mal acomodado.	<sup>4</sup> Do <i>náhuatl temazcalli</i> . Casa construída para a realização de banhos a vapor utilizada pelos indígenas para a purificação do corpo e do espírito.
<i>Copal</i>	Sobre unos anafres de cerámica bellamente decorados, se puso a quemar <b>copal</b> .	Do <i>náhuatl copalli</i> .  Resina aromática que se usa para sahumar a	Sobre os fornilhos de cerâmica bellamente deco-rados,	<sup>10</sup> Do <i>náhuatl copalli</i> . Incenso.

		personas o lugares, em ceremonias rituales o con fines medicinales.	começou a queimar o <i>copal</i> <sup>10</sup> .	
<i>Comal</i>	Esa mañana la luz era más líquida y las nubes dibujaban fantásticos animales en el cielo. Malinalli, acompañada del recuerdo de su abuela, dejó la labor del metate y procedió a encender el fuego para calentar el <b>comal</b> en donde la masa se transformaría en tortillas.	Do náhuatl <i>comalli</i> . Disco de barro cocido o de metal, sobre el cual se preparan o se calientan alimentos.	Nesta manhã a luz era mais líquida e as nuvens desenhavam fantásticos animais no céu. <i>Malinalli</i> , acompanhada da lembrança de sua avó, deixou o trabalho do <i>metate</i> para acender o fogo e esquentar o <i>comal</i> <sup>28</sup> onde a massa se transformaria em <i>tortillas</i> .	<sup>28</sup> Do náhuatl <i>comalli</i> . Disco de barro ou de metal usado para preparar ou cozinhar alimentos.
<i>Milpa</i>	¿Cómo sería su vida al lado de sus nuevos dueños? ¿Qué sería de su <b>milpa</b> ?	Do náhuatl <i>milli</i> , heredad, y <i>pan</i> , en, sobre.  Tierra sembrada de maíz.	Como seria sua vida ao lado de seus novos donos? O que seria de sua <i>milpa</i> <sup>16</sup> ?	<sup>16</sup> Do náhuatl <i>milli</i> , terra de cultivo de milho.
<i>Metate</i>	Por su rostro escurrieron unas gotas de sudor provocadas, en parte, por el trabajo que estaba realizando en el <b>metate</b> y, en gran medida, por la humedad del ambiente que desde esa temprana hora se empezaba a sentir.	Do náhuatl <i>métatl</i> .  Piedra sobre la cual se muelen manualmente, con un rodillo de piedra llamado metlapil, el maíz y otros alimentos.	Pelo rosto escorreram algumas gotas de suor provocadas, em parte, pelo trabalho que estava realizando no <i>metate</i> <sup>22</sup> e, em maior parte, pela umidade do ambiente que desde cedo começava-se a sentir.	<sup>28</sup> Do náhuatl <i>métatl</i> Piedra sobre la cual se muelen manualmente, con un rodillo de piedra llamado metlapil, el maíz y otros alimentos.

Fonte: Quadro elaborado por Sara Lelis no âmbito da construção deste trabalho.

A presença do vocabulário em *náhuatl* na tradução, como mencionado anteriormente, assim como a obra de L. Esquivel, enfatiza o objetivo do tradutor na resistência ao esquecimento de uma das línguas originárias do México, diante da falta de uma política que esteja de acordo com as necessidades de uma língua que corresponde à cultura originária desse país.

### 3.3 *Malinche* e a tradução: o valor da palavra

A participação de *Malinche* como personagem preponderante da Conquista é irrefutável, pois sem a intervenção de seu trabalho como intérprete a comunicação entre *mexicas* e castelhanos haveria apresentado diversos impasses. O ofício de intérprete de *Malinche* durante a Conquista atribui a uma simples escrava, sobretudo a uma mulher, a tarefa de intermediar as relações de poder entre os castelhanos e *mexicas*. Assim sendo, neste subcapítulo discutiremos sobre o vínculo de *Malinche* com a palavra em seu trabalho como intérprete e elucidarmos a importância e responsabilidade do papel do tradutor como intermediador de culturas através da palavra.

A descrição do nascimento de *Malinalli* na obra de L. Esquivel introduz a intensa relação com a palavra que a personagem desenvolverá ao longo da narrativa. O nascimento da indígena foi marcado por três dias de chuvas torrenciais. Na representação de L. Esquivel, enquanto a chuva caía, a água *falava*, prenunciando um acontecimento que traria profundas mudanças. Durante o parto complicado da mãe de *Malinalli*, a avó e também parteira, percebeu que a menina levava o cordão umbilical na boca e interpretou este sinal como uma mensagem do deus *Quetzalcóatl*, pressentindo que aquela criança estava destinada a “*perderlo todo para encontrarlo todo*” (ESQUIVEL, 2005, p.3). Esta passagem do livro é significativa para compreender a missão da intérprete durante sua vida. A nosso ver, esta sentença profetiza a Conquista espanhola, tendo em vista que o Império *Mexica* seria destruído em poucos anos e logo após da destruição haveria a criação de uma nova cultura, decorrente da fusão das culturas castelhana e *mexica*. A responsável pela criação desta nova cultura é *Malinalli*, pois desde seu nascimento e primeiro batismo pressentiu-se que ela teria a missão de criar, e esta criação está intimamente relacionada à palavra, seu principal instrumento para dar início à nova criação.

O primeiro batismo de *Malinalli* expressa o forte elo que ligará a indígena com a palavra. A oração de boas-vindas realizada pelo pai confirma o presságio pressentido pela avó, pois ele foi tomado por uma inspiração que não lhe pertencia, proferindo palavras que não eram habituais no canto de saudação. A citação sobrenatural do pai da indígena durante seu batismo evidencia que ele, como a avó, pressentia que a palavra exercia um poder tão forte naquele momento que estabeleceria um vínculo criador eterno com a recém-nascida.

*“Hija mía, vienes del agua, y el agua habla. Vienes del tiempo y estarás en el tiempo, y tu palabra estará en el viento y será sembrada en la tierra. Tu palabra será el fuego que transforma todas las cosas. Tu palabra estará en el agua y será espejo de la lengua. Tu palabra tendrá ojos y mirará, tendrá oídos y escuchará, tendrá tacto para mentir con la verdad y dirá verdades que parecerán mentiras. Y con tu palabra podrás regresar a la quietud, al principio donde nada es, donde nada está, donde todo lo creado vuelve al silencio, pero tu palabra lo despertará y habrás de nombrar a los dioses y habrás de darle voces a los árboles, y harás que la naturaleza tenga lengua y hablará por ti lo invisible y se volverá visible en tu palabra. Y tu lengua será palabra de luz y tu palabra, pincel de flores, palabra de colores que con tu voz pintará nuevos códigos.” (ESQUIVEL, 2005, p.16)*

A água representa a conexão de *Malinalli* com a palavra e com os deuses, que possuíam o poder de criação. Os deuses representavam os quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Na narrativa a água é divina e criadora, o fogo é transformador, a terra semeia o futuro de *Malinalli* e o ar dissiparia as palavras que a indígena proferiria enquanto intérprete.

Todos os quatro elementos, mas em principal a água demonstra a importância da criação através das palavras que estava incorporada à *Malinalli* ao ser escolhida como intérprete de Hernán Cortés. Esta importância se estende ao ofício do tradutor em toda a história da Tradução, pois é conferido a ele, assim como foi à *Malinche*, toda a responsabilidade pelo que é capaz de produzir uma tradução. A intermediação do tradutor entre culturas, em razão do valor que se apresenta a palavra no instante de traduzir, revela as relações e tensões do tradutor relacionadas à grande relevância que possui a palavra. Esta significância oferece ao tradutor todo o poder que resulta da missão de transmitir a *essência* de uma obra. O ato de “traduzir” manifesta poder porque detrás dos significados que se atribuem às palavras provenientes das escolhas tradutórias há um propósito, um objetivo. Assim, consideramos que a tradução jamais poderá ser neutra, e mesmo que se pretenda ser, estará sempre marcada pelo intuito de ser neutra.

A tradução de “*MALINCHE*” de L. Esquivel nos representou um desafio tendo em vista a reivindicação na qual se apresenta a personagem principal em relação à historiografia oficial mexicana. A complexidade da tradução resulta do objetivo da desconstrução de uma figura, quer queira quer não, de extrema pertinência para a história do México. Por esse motivo, sentimos certo peso em relação ao compromisso em tratar esta questão tão profunda e discutida por intelectuais mexicanos. As decisões tradutórias foram embasadas no propósito de questionar a construção da personagem que constituiu o Estado mexicano no século XIX e recuperar as características originárias mexicanas

antes da Conquista espanhola. Para chegar-se a tradução apresentada, percorremos os elementos culturais e ideológicos expostos na obra de L. Esquivel de forma a resgatar todos esses aspectos que conformam um novo retrato de *Malinche*, estando eles refletidos na linguagem do texto traduzido, no prefácio, e nas notas de tradução presentes no final do capítulo, resultando em um processo de recriação.

Um dos elementos que consideramos principais no resgate da cultura *mexica* resulta do léxico em *náhuatl* e do vocabulário derivado do *náhuatl*. Após a Conquista, os sacerdotes espanhóis transcreveram todos os sons do *náhuatl* utilizando o alfabeto castelhano e assim criando outras palavras, provocando o desaparecimento da língua indígena. A escolha por apresentar ao leitor uma língua que marca o período anterior da Conquista reivindica o passado *mexica* e resiste às imposições espanholas. Um exemplo dessa reivindicação pode ser visto na tradução de uma das conversas de *Malinalli* com a avó, onde *Malinalli* diz: —*Citli, ¿cómo es que viéndolo todo, no ves nada?* (ESQUIVEL, 2005, p. 38). *Citli*, em *náhuatl*, significa “avó” e a tradução para o português simplesmente por “avó” apagaria uma das características *mexicas*, o que não condiz com nosso propósito de transportar aos dias atuais as características de uma cultura que foi deixada para trás.

### 3.3.1 A história como elemento fundamental para o posicionamento do tradutor

A pesquisa histórica realizada para traduzir “*MALINCHE*” apresentou-se essencial para a tradutora, pois através dela pode-se entender o que a autora mexicana pretendia com a publicação desta obra literária no século XXI. A partir do conhecimento histórico percebeu-se a grande responsabilidade competida ao tradutor de saber em que contexto insere-se o romance de L. Esquivel, já que para um leitor brasileiro que desconhece a história oficial do México, a tradução de “*MALINCHE*” poderia ser considerada como um romance sem valor histórico. Em razão disso buscou-se extremo cuidado e cautela para utilizar as palavras em português que reivindicassem a edificação da personagem pela historiografia mexicana. No capítulo 4 da obra, podemos ver que como intérprete de Hernán Cortés, *Malinalli* também temia pela interpretação das palavras por sentir que carregava uma enorme responsabilidade, neste caso espiritual, mas que também se aplica às tensões que surgem no momento de traduzir.

*“No solo se trataba de decir o no decir o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo se corría el riesgo de cambiar el significado de las*

*cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y, al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la aterrorizaba.”* (ESQUIVEL, 2005, p. 73)

A ligação de *Malinche* com a palavra se reflete na mesma conexão que os tradutores estabelecem com a palavra ou até mesmo com a linguagem perante os problemas encontrados no caminho do processo tradutório. O processo tradutório se caracterizou pelas escolhas e decisões feitas pelo tradutor diante os impasses que se apresentam durante o “traduzir” e somente depois se tornaram elementos da *tarefa do tradutor*. Na decisão de atribuir acepções e significados às palavras o tradutor encontra uma forma de exercer seu poder, já que a ele pertence o desafio de expressar-se no espaço estrangeiro. Lidar com a percepção do “outro” resulta uma tarefa delicada tendo em vista que compete ao tradutor “recriar” um ponto de vista que, além de não ser próprio de sua cultura, é único de cada autor, concedendo ao tradutor a responsabilidade da qual *Malinche* temia. *Malinalli*, assim como o sujeito-tradutor deste trabalho, possuía um projeto político, percebendo que através da palavra poderia ser livre e além disso, realizar mudanças políticas profundas no Império *Mexica*. Em contrapartida, nosso projeto político tratando-se do leitor brasileiro, pretendeu causar uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do Brasil.

A tradução de “*MALINCHE*” de L. Esquivel buscou dar voz a esta personagem feminina que foi calada pela historiografia oficial mexicana e em consequência deste silêncio foi desconsiderada em várias outras áreas, como por exemplo, a dos Estudos da Tradução. *Malinche* talvez tenha sido a primeira tradutora lembrada pela história, mas que não foi valorizada devido a interesses políticos. Assim, além de desconstruir a imagem de traidora edificada no México, desejamos com esta tradução reivindicar a voz da minoria e despertar um novo olhar sob o processo de formação ideológica não só do México, mas também dos países latino-americanos, com especial atenção ao Brasil.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões apresentadas em relação ao enfoque histórico do México sobre a edificação do mito de *Malinche*, nos parece fundamental salientar na conclusão deste trabalho a importância do papel que exerce a literatura ao questionar a historiografia oficial de um país. Neste caso, a obra literária de L. Esquivel rebate e questiona, além da construção de um personagem, a implantação do novo ideal mexicano na educação a partir do final do século XIX, que a nosso ver foi essencial para a difusão e incorporação do mito ao imaginário da (nova) sociedade mexicana. A partir desta perspectiva, pudemos entender de quais os conceitos ideológicos L. Esquivel desprendeuse para a escritura do romance para, assim, elaborar seu Projeto de Escritura.

Acreditamos que a principal *tarefa do tradutor* pretendida desde a primeira versão de tradução da obra foi cumprida: a desconstrução de toda uma vida e “pós-vida” de uma personagem real. Essa desconstrução se deu, em primeiro lugar, na valorização da *essência* da obra de L. Esquivel com o “*modo de visar*” e o “*visado*” de W. Benjamin, ao resgatar os elementos da cultura originária do México, desaparecidos quase completamente, bem como os territórios mesoamericanos e a língua *náhuatl*. Em segundo lugar, na escrita de um Prefácio e nas Notas de Tradução, que se comunicam com o leitor sem revelar o *mistério* poético da obra, provocando o leitor brasileiro a refletir sobre a existência de conflitos sociais vivenciados no Brasil decorrentes da colonização portuguesa. Além disso, destacamos a responsabilidade do tradutor em traduzir obras atreladas a contextos históricos que envolvem discussões sociais e identitárias, como é o caso do México.

A partir do objetivo e dos pontos trabalhados, concluímos este Projeto de Tradução levantando uma questão/hipótese que, embora não aprofundada neste trabalho, para nós é a verdadeira problemática de todos os conflitos mexicanos citados por O. Paz e poderia se alongar em um trabalho mais extenso. Questionamos se as dificuldades nas quais os mexicanos padecem para definirem-se como “genuínos” descritas pelo autor em “*El laberinto de la soledad*”, tem a ver realmente com o ofício de *Malinche* durante a Conquista, com sua relação paralela com o conquistador. A partir do Projeto de tradução que busca aprofundar-se no processo histórico do país e, assim, desvendar o Projeto de Escritura de L. Esquivel, foi possível entender todos os conflitos gerados em razão da interpretação do (novo) Estado mexicano. No entanto, também percebemos através do

ensaio de O. Paz uma problemática “oculta”, que é o filho de *Malinche* e Hernán Cortés quem para nós é a grande causa dos problemas vivenciados até os dias os dias atuais, pois inaugura um discurso polêmico em uma “nação” que buscava ser original: a mestiçagem.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 5.1 Bibliografia de Laura Esquivel

ESQUIVEL, Laura. *Como agua para chocolate*. Ed. Suma de Letras, 1989.

ESQUIVEL, Laura. *La Ley Del Amor*. Ed. Punto de Lectura, 1995.

ESQUIVEL, Laura. *Íntimas Suculencias. Tratado Filosófico de Cocina*. Ed. Sudamerica, 1998.

ESQUIVEL, Laura. *Estrellita Marinera*. Ed. Ollero y Ramos, 1999.

ESQUIVEL, Laura. *El libro de las emociones*. Ed. DEBOLSILLO, 2000.

ESQUIVEL, Laura. *Tan veloz como el deseo*. Ed. DEBOLSILLO, 2001.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Ed. Suma de Letras, 2005.

ESQUIVEL, Laura. *Escribiendo la nueva historia*. Ed. PRISA Ediciones, 2013.

ESQUIVEL, Laura. *A lupita le gustaba planchar*. Ed. Suma de Letras, 2014.

### 5.2 Textos e livros

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. [tradutor: Susana Kampff Lages], São Paulo, Editora 34, 2011, p. 101-119.

BENJAMIN, W. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana**. Trad. de



Maria Luiz Moita. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1992.

CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. 2 vols. Historia 16, Madrid 1984, I, p. 316.

HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Cristina. **Doña Marina (la Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Ed. Encuentro Ediciones, 2002.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de América Latina, 1979 – 1992**. Fondo de Cultura Económica, 1993.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad**. Fondo de cultura económica, México, 1998.

VERDÍA, Luis Pérez. **Compendio de historia de México**. Guadalajara, México, 1883, p 102.

#### **Artigos:**

FURLAN, Mauri. **A MISSÃO DO TRADUTOR. ASPECTOS DA CONCEPÇÃO BENJAMINIANA DE LINGUAGEM E DE TRADUÇÃO**. In: *Cadernos de Tradução* (Florianópolis) no I/1996, pp. 91-105.

GRILLO, Rosa María. **El mito de un nombre: Malinche, Malinalli, Malintzin**. Universidad de Salerno, 2011. Consultado em: 29/4/2014

JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A imagem de Malinche pelas crônicas da conquista espanhola do México (século XVI)**. *Dimensões*, vol. 29, 2012, p. 333-350. ISSN: 2179-8869. Consultado em: 8/8/2014

PEÑALOZA, María Martínez. **Los dioses en los códigos mexicanos del grupo Borgia: una investigación iconográfica**. Consultado em 29/4/2014

PORTUGAL, Ana Raquel; MORAIS, Marcus Vinicius de. **Hernán Cortés e Francisco Pizarro: História e Memórias**. Dossiê: *NAÇÕES E NACIONALISMOS NA AMÉRICA ESPANHOLA: HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA*. TEMAS & MATIZES - Vol. 9 - Nº 18 – SEGUNDO SEMESTRE DE 2010. pp. 85-110. ISSN: 1981-4682 (versão eletrônica)

SANTOS, Claudécir dos. **WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN: UMA ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA LINGUAGEM**, 2010.

### Sites:

*Biografías y vidas* – Laura Esquivel. Disponível em:  
[http://www.biografiasyvidas.com/biografia/e/esquivel\\_laura.htm](http://www.biografiasyvidas.com/biografia/e/esquivel_laura.htm) Acessado em:  
 16/5/2014

*Coordinación Nacional de Literatura de México*. Disponível em:  
<http://www.literatura.bellasartes.gob.mx/acervos/index.php/recursos/articulos/semblanzas/1693-esquivel-laura-semblanza?showall=1> Acessado em: 6/6/2014

*Jornal La Mañana de Córdoba*. Disponível em:  
[http://www.lmcordoba.com.ar/ed\\_ant/2006/06-04-24/7\\_espect\\_06.htm](http://www.lmcordoba.com.ar/ed_ant/2006/06-04-24/7_espect_06.htm) Acessado em:  
 31/5/2014

*Gobierno del Estado de México*. Disponível em:  
[http://portal2.edomex.gob.mx/edomex/estado/simbolos/EDOMEX\\_024363](http://portal2.edomex.gob.mx/edomex/estado/simbolos/EDOMEX_024363)  
 Acessado em: 10/6/2014

<http://etimologias.dechile.net/?Ana.huac> Acessado em 29/4/2014

<http://www.nahuatl.org.mx/vocabulario-nahuatl-espanol-lugares-letra-a.html> Acessado em: 29/4/2014

[http://vista.mtaamerica.com/pdf/periodicos/El\\_valor\\_de\\_las\\_palabras.pdf](http://vista.mtaamerica.com/pdf/periodicos/El_valor_de_las_palabras.pdf), acessado em 29/4/2014

<http://www.samaelgnosis.net/revista/pdf/ser44.pdf> Acessado em: 30/4/2014

[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/RBG/RBG%201967%20v29\\_n2.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/RBG/RBG%201967%20v29_n2.pdf), acessado em: 30/4/2014

<http://proceu.net/wp-content/uploads/2013/04/Unidade-II-A-conquista-do-novo-mundo.pdf> Acessado em: 30/4/2014

<http://proceu.net/wp-content/uploads/2013/04/Unidade-II-A-conquista-do-novo-mundo.pdf> Acessado em: 30/4/2014

[http://biblioteca.clacso.edu.ar/subida/Costa\\_Rica/dei/20120706111237/diosas.pdf.ori](http://biblioteca.clacso.edu.ar/subida/Costa_Rica/dei/20120706111237/diosas.pdf.ori)  
Acessado em 30/4/2014

<http://razonypalabra.org.mm/anteriores/n33/hrivas.htht> Acessado em 30/4/2014

[http://sisbib.unmsu.edu.pe/bibvirtuabibvi/publicaciones/revis-antrop/n3\\_2005/a00.pdf](http://sisbib.unmsu.edu.pe/bibvirtuabibvi/publicaciones/revis-antrop/n3_2005/a00.pdf)  
Acessado em 30/4/2014

[http://wiki.ead.pucv.cl/images/b/bb/Ciudad\\_de\\_Aguas\\_Tenochtitlan\\_-\\_JC\\_Olivas.pdf](http://wiki.ead.pucv.cl/images/b/bb/Ciudad_de_Aguas_Tenochtitlan_-_JC_Olivas.pdf)  
Acessado em: 30/4/2014

[http://www.sociedaddehistoria.com/textos/Significado\\_Mexico.pdf](http://www.sociedaddehistoria.com/textos/Significado_Mexico.pdf), acessado em:  
30/4/2014

<http://www.mesoweb.com/about/articles/061.pdf>, acessado em 30/4/2014